Para todos...

"IMITAÇÕES . . . ?
—Não em minha casa!"
O uso de uma imitação ou de um succedaneo, em lugar da excellente CAFIASPIRINA, é uma imprudencia que póde ter más consequencias.
Por isso, em todo o lar cuidadoso taes productos são recusados em absoluto, e só se acceita a legitima
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
"esta e nenhuma outra"!
E' o unico remedio que se póde administrar a qualquer pessoa da familia sem receio, pois dá sempre rapido allivio e nunca affecta o coração nem os rins.
Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, cólicas menstruaes e rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

A VOZ

Atirada no torvelinho da grande revolução, Lenotchka sentiu-se fraca e abandonada.

Seus paes estavam na provincia. A velha tia, que a acolhera em Moscou, continuava desnorteada pelos acontecimentos estranhos que se desenrolavam como um film fantastico.

Quando a sua criada, nomeada presidente do "Comité" dirigente do immovel, começou a dar ordens aos diversos moradores do predio, em vez de abotoar-lhe as botinas emquanto a velha senhora ouvia as novidades ao telephonio — a tia quasi ficou louca de espanto.

Quando, porém, a nova presidente ameaçou a sua antiga patrôa de expulsal-a do apartamento, a tia ficou como que fulminada.

Lenotchka precisava agir. Felizmente, estava preparada sem o saber.

Eram as suas armas as covinhas risonhas das faces, as longas pestanas de boneca e o vermelho que tornava mais adoravel ainda a sua bocca viçosa.

Protegida assim, poude tudo conseguir.

Em primeiro logar, o "Comité" Central de Immoveis outorgou-lhe permissão de conservar seu apartamento. Depois, entrou como dactylographa no ministerio da Instrucção Publica. Seus dedinhos de unhas nacaradas, voaram na Underwood como borboletas côr de rosa.

A's vezes, ella confundia as palavras mysteriosas dos decretos ou das ordens do dia e o trabalho copiado parecia-lhe sem nexo. Para outra, seria o fim da carreira. Quando, porém, as pestanas de Lenotchka batiam apressadas, ella parecia um "bébé" apanhado em flagrante; os chefes sentiam desvanecer-se a sua colera e davam-lhe o papel para recopiar.

Pouco lhe importava a politica. Lenine ou um outro — pois que a sua tia não chorava mais — e na secção do seu ministerio, ella era protegida e amimada por seus admiradores.

Eram elles em grande numero. Os bolcheviks são, apezar de tudo, iguaes aos outros homens. E mesmo sobrecarregados de negocios, acham tempo para olhar uma cabecinha encantadora.

O chefe de secção, um dos mais occupados, no entanto, parava alguns instantes diante da Underwood de Lenotchka. Elle respirava livremente na athmosphera da revolução. Implacavel nos seus principios, herdara o appellido suggestivo do Incorruptivel.

Não achou, porém, que as covinhas fossem incompativeis com a doutrina categorica do communismo. Ao contrario, sentia-se orgulhoso em constatar que a grande causa era servida pela antiga burguezia, pois não tinha illusões: as covinhas não são de origem proletaria.

Fez-lhe uma côrte assidua. Levou Lenotchka ao theatro e ao restaurante reservado aos grandes funccionarios do Estado.

No automovel ministerial, que antes havia sido do governador de Moscou, elle confessou-lhe o seu amor.

Ella repelliu-o e, então, começou o drama inevitavel.

O chefe lembrou-se logo da origem burgueza de Lenotchka. "Apezar de tudo, pensou, a gente só se póde fiar na classe proletaria".

Fez-se o inquerito. Os acontecimentos precipitaram-se; Lenotchka acordou, um dia, no cubiculo de uma prisão.

Lenotchka, que não comprehendia porque havia sido presa, chorou sem cessar um dia inteiro. No seu cubiculo, cabia apenas uma cama de madeira sem colchão e uma taboa estreita que servia de mesa.

O comprido corredor da antiga "Companhia de Seguros", transformada em prisão, era dividido por taboas que formavam cubiculos iguaes às baias de uma estrebaria — ou ás cabines apertadas de uma praia da moda.

Não havia cadeira, dormia-se, comia-se em cima da cama. Não havia janella, luz electrica dia e noite.

A noite clara pareceu-lhe interminavel. Tinha medo do soldado robusto, com uma estrella vermelha no seu kepi. Elle andava de um lado para outro no corredor e parava junto do seu cubiculo, levantando a rotula da porta. Ella via, então, um olhar grave fixal-a. Esse olhar dava-lhe tremores nervosos e ella não podia mais dormir.

Ella ouvia uma algazarra confusa de vozes; parecia o zumbir de uma colmeia. Falava-se a meia-voz, cantava-se, ria-se até.

Lenotchka ficou admirada: como se podia rir em logar tão triste.

No dia seguinte, ella ouviu gargalhadas ao lado.

Duas vozes masculinas — ambas jovens — uma, um pouco sorrateira e reservada, a outra, sonora e audaz.

Pela primeira vez, depois que estava presa, ella tirou da sua bolsa o pequeno espelho que lhe haviam deixado depois de passada a revista, e passou a esponja de pó de arroz no rosto, lamentando a falta do seu "rouge" framboeza; haviam-lh'o tirado sob pretexto que poderia servir para a sua correspondencia.

A' noite, os visinhos bateram discretamente na parede junto a qual ella se deitava, sobre as taboas núas cobertas com o seu "manteau".

A voz de homem—quente e rija—perguntou-lhe seu nome e os motivos da sua prisão.

Os motivos, ella os ignorava. Era dactylographa e não se occupava de politica; conservava-se quieta na sua secção, e não tocava nessas coisas que tornam máos os homens.

— Sim, e você é loura, mas de um louro deslumbrante, cabellos muito macios, muito finos, não é verdade ? E olhos grandes, azues, talvez ?

Ella procurou se havia buraco na parede.

E depois, virando as costas, consultou novamente o espelhinho e mordeu os labios que não achou bastante vermelhos.

Julgando-a zangada, a voz em tom um pouco zombeteiro, desculpou-se. A visinha talvez fosse morena e se offendesse em ser tratada de loura.

— Oh ! não, absolutamente! Mas como adivinhou ?

Elle quiz saber o seu nome e declarou que Lenotchka era o seu nome predilecto.

A partir dessa noite, não achou mais interminaveis os dias e as noites.

A's vezes, uma outra voz, uma voz grave e calma, cheia de reserva e de longos silencios, tomava parte nos dialogos dos dois.

Olga Tchernoff

Tornou-se em breve affectuosa. Todas as manhãs, ella pedia á moça noticias de sua saude, fazia-lhe algumas perguntas. A' noite, desejava-lhe boas-noites e depois calava-se, deixando o campo livre á voz dominadora e tumultuosa. Esta, que era a voz preferida, tinha o nome de Boris. Este nome não só encheu o cubiculo, como, transpondo as paredes, cresceu, elevou-se e encheu o universo.

Dahi em diante, para Lenotchka nada mais existiu a não ser o nome radiante de Boris.

Ella não tinha mais medo da sentinella de estrella vermelha nem da sua espingarda. Quando elle a acompanhava ao gabinete, ella andava sem cambalear. A porta de Boris não estava longe; ella a roçava ao passar e voltava ao seu cubiculo, toda contente. Não tinha mais medo do juiz. De vez em quando, elle a mandava chamar ao seu sumptuoso gabinete. Fazia-lhe perguntas equivocas, sorria-lhe, dirigia-lhe galanteios e depois, fitava-a obstinadamente, calado. Ella, absorta em seus sonhos, permanecia impassivel e calma; julgando-a uma contra-revolucionaria obstinada, mandava-a voltar ao seu cubiculo. Mas a sua prisão transformava-se num palacio encantado.

De dia, sob a luz forte da lampada, dormitando com os olhos semi-cerrados, ella ouvia o canto das andorinhas, ella via o céo azul resplandecer, caminhando pelos atalhos humidos de orvalho, de mãos dadas com o bem-amado.

A' noite dormia-se pouco: o interrogatorio do juiz e o trabalho do carrasco fazia-se ás horas mortas da noite. O somno era perturbado, os sonhos agitados; era a angustia de esperar. Era tambem a hora das confidencias. Ouvia-se cochichos, suspiros, a respiração febril desse mundo alarmado. De repente passos, o bater de uma porta, ás vezes um grito, um gemido: é o carcereiro, acompanhado de soldados armados que vem buscar um prisioneiro.

—

Lenotchka nada ouvia. Ella aninhava-se junto á parede, as taboas cahiam como que por encanto e a voz — essa voz unica e incomparavel — levava-a para fóra daquelle logar sinistro, envolvia-a, protegia-a, acariciava-a, enchia-a de felicidade.

Contavam tudo um ao outro. A infancia, o passado, os sonhos de futuro. O seu primeiro amor desabrochava em cubiculos immensos como o mundo sem limites onde elles viviam a eternidade.

Como era bom ouvir palavras que vinham do espaço invisivel!

Seus labios estavam tão proximos, taboas delgadas os separavam que derretiam como cêra ao calor do seu halito.

Ella nunca o tinha visto; seria necessario vel-o, se ella conhecia todos os seus pensamentos os mais intimos, se os adivinhava nas inflexões de sua voz malleavel?

No entanto, ella queria vel-o. Um dia, animada pela physionomia bonachona do seu novo guarda, ella fez-lhe o seu pedido. Queria ver o seu visinho.

O soldado, commovido pela graça fragil da joven prisioneira, prometteu deixar a porta entreaberta no momento em que os seus visinhos sahissem.

Lenotchka sentia-se prestes a desfallecer.

Ouviu, emfim, o ruido da chave. Pela fresta, ella viu um corpo elegante e robusto, de hombros largos.

Elle voltou a cabeça para o seu lado; a voz materializou-se. A voz tinha olhos sonhadores, uma bocca imperiosa, energica e terna ao mesmo tempo, o queixo voluntario.

Sim, era o typo perfeito da belleza sonhada.

Quanto ao outro, ella apenas o entreviu um instante. Quiz encher seus olhos com a figura de Boris. O seu camarada era louro avermelhado. Uma bocca agradavel e ironica e muitas sardas.

O soldado apressou-se em fechar a porta á chave e ella não poude ver mais nada.

A sua felicidade foi tão intensa que ella poude supportar a noticia inesperada: annunciava-se a libertação dos dois amigos.

Boris teve apenas tempo para gritar-lhe: "Não desanimes, querida, tudo farei para te libertar".

Os soldados impacientes fizeram-os sahir.

Lenotchka ficou só, mas o cubiculo guardava a resonancia da voz, as paredes vibravam ainda. A' noite, ella não chorou, deitou-se como de costume junto á parede para ouvir a voz querida que havia tomado corpo agora. Ella revia o corpo elegante, os olhos sonhadores e ternos e a bocca maravilhosa que ella cobria de beijos.

Com a mesma rapidez com que havia sido presa, Lenotchka foi posta em liberdade.

O carcereiro gritou, abrindo a porta:

— Para a cidade com as suas bagagens!

Era a phrase consagrada.

Ella não se fez de rogada e sahiu, com a sua malinha na mão.

Como era engraçada e deliciosa a primavera que se descobria assim de repente, que se não esperava ver!

Como se poderia saber, no cubiculo sem janella, que as arvores estavam já cobertas de folhas e que os riachos cantavam?

O gelo á beira dos telhados principiava a derreter. Como collares cortados, perdiam suas perolas de crystal uma a uma, que brilhavam ao sol.

Surpresa, encantada, Lenotchka ficou maravilhada pelo esplendor da primavera triumphante.

Como era bom andar á vontade, sem ouvir passos pesados e o chocalhar das armas!

Sua tia a esperava; uma voz masculina muito sympathica prevenira-a da libertação de Lenotchka.

Choraram de alegria.

O seu quarto — espaçoso, claro e risonho — inundado de sol, desejava-lhe as boas-vindas. As rosas do cretonne, a fita azul da imagem santa á cabeceira da cama, sorriam-lhe.

Agua quente, depressa, não podia tomar banho, porque o gaz e o aquecimento não funccionavam mais.

A's pressas escolheu a sua "toilette". Sem pensar muito, decidiu-se por um vestidinho de "foulard" azul de golla de renda.

O tocar da campainha do telephonio fel-a correr semi-núa pelo quarto, esbarrando nos moveis, sem achar um roupão.

O receptor preto treme-lhe nas mãos e envia-lhe ondas daquella voz.

sempre a mesma, que acaricia e que enche o mundo. Dentro de uma hora, a voz estará dentro do seu quarto.

— Sim, s'm, numa hora!

Ella nem podia enfiar o vestido; esquecia-se de pôr carmim e pó de arroz.

Emfim, tudo ficou prompto.

A seda clara envolveu-a docemente, os moveis arrumaram-se docilmente em perfeita ordem, as rosas do cretonne inclinaram-se amorosamente, o espelho reflectiu o seu rosto sereno.

Lenotchka não ouviu tocar a campainha. A porta abriu-se de repente.

No limiar, estava, sorridente, o camarada de Boris, que lhe estendia os braços.

— E Boris, perguntou ella. Por que não vem?

— Mas eu vim. Boris, sou eu.

Calou-se. A pallidez repentina de Lenotchka revelou-lhe tudo.

Era verdade que delle, ella só conhecia a voz.

— Então, é o meu camarada.

Lenotchka fechou os olhos.

Era a voz do seu amor, essa voz tão querida, que lhe falava do paraiso no cubiculo estreito.

Sómente, essa não podia ter sardas. Sem reabrir os olhos ella chorou.

●

A sensibilidade de Lafortune

Quando foi preso o negro Lafortune, julgado ha dias, o magistrado que o interrogou fez essas confidencias a um amigo:

— "Aquelle animal, declarou elle, desarmou-me, apezar da minha grande pratica dos criminosos. Elle fazia anteriormente o officio de estrangulador. Pois bem: por uma ou duas palavras mais duras que eu lhe disse, poz-se a chorar. E lagrimas de verdade. Sei distinguir..."

Essa admiração, embora comprehensivel, não póde ser partilhada por aquelles que têm viajado e que conhecem as historias dos paizes que percorreram. A moral, conforme já se disse, é uma questão de latitude. O sol representa papel importante no modo de agir e de julgar os outros.

Deus vos livre de achar um objecto bonito na tenda de um chefe arabe e de dizel-o. Elle — assim o manda a lei — se apressará em vel-o dar. Mas nada vos garante que, uma vez fóra da tenda, não vos mande assassinar para rehaver o seu bem. Terá, assim, conciliado a lei da hospitalidade e do interesse.

Eis uma historia veridica que confirma esta relatividade não prevista por Einstein:

Um negociante russo estabelecido na Georgia, tinha um criado caucasiano que lhe era inteiramente dedicado. Era um homem de uma probidade e delicadeza escrupulosas. Ora, um dia, o seu amo enviou-o á montanha para fazer cobranças, recommendando-lhe toda a diligencia, pois tinha cheques importantes a pagar.

A' hora marcada, o criado voltou, carregado de saccos cheios de moedas. O negociante poz-se a contar. Com grande espanto seu, viu que havia muito mais do que lhe era devido. Interrogou o criado. Este respondeu-lhe com toda naturalidade:

— Vossos devedores não tinham dinheiro. Eu sabia que estaveis arriscado a fallir. Installei-me no concavo de uma rocha e esperei. Passaram dois ricos negociantes...

— E então? interrogou, ansioso, o amo.

— Então, tendes o dinheiro...

— E elles?

— Não pódem mais se queixar...

— Como? Mataste-os?

— Foi por vós, senhor...

Enlace Ignez Calasso — Pedro Rebitte

Maria de Lourdes Fonseca, filha de J. Gonçalves Fonseca.

O CINEMA FALADO

— NO —

PALACIO THEATRO

A ultima palavra no Cinema!

—

COM RUIDO MUSICA CANTOS e a propria FALA tudo synchro-nizado com o FILM!

O Sr. Francisco Serrador, Presidente da Companhia Brasil Cinematographica, e o Sr. Eduardo Cerca, gerente do Palacio Theatro, em companhia dos engenheiros da Western Electric Comp., no dia da chegada dos caixotes contendo os apparelhos do CINEMA FALADO — Movietones e Vitaphones — que estão sendo installados naquelle cinema-theatro, devendo ser feita a

Inauguração — na segunda quinzena deste mez de JUNHO

COM UM GRANDIOSO FILM DE UMA GRANDE MARCA!

Academia Paulista de Letras

São Paulo já mais de uma vez provou que em sua organização se resolvem problemas não sómente de caracter utilitario e pratico.

Ha muito tempo que São Paulo tinha uma Academia de Letras e ninguem sabia disso. Ella andava descansando ha muito tempo, porque motivo, até hoje não se sabe. Cessára o ardor academico logo que a transicção e o progresso de São Paulo veiu, e por isso e mais algumas coisas de caracter interno, a Academia Paulista estava quasi morta. Os paulistas são, na generalidade, por conveniencia sujeitos muito reaccionarios, e se voltaram para o espirito moderno, logo que as calamidades de 1914 a 1918 tinham apavorado a Europa. Analysaram os grandes surtos posteriores á guerra mundial e se convenceram de que o Academismo era prejudicial á evolução de São Paulo. Por isso nem reclamaram contra a paralysação. O espirito esoterico dos cenáculos, de facto, é um erro para as civilizações que hoje reagem contra o Occidente.

Instantaneo da ultima reunião da Academia Paulista de Letras.

No entanto, a verdade surgiu como duma rajada de materialismo desenfreado: — era preciso que ao par de toda a sua belleza, a cidade de Anchieta fosse dotada de um extremismo tradicionalista para não se deslocar dos outros Estados do Brasil; e depois, ninguem mais sentimental do que o "Paulistano"; desde o mais exotico pasqualino do Braz, até a mais rica senhorita de Hygienopolis, anda dominando um resto de provincianismo e de bairrismo sentimental que equivalem a uma "torcida". Já vê que para muita gente, a reconstituição daquelle cenáculo não foi um passo errado.

E os "esquerdistas" que não concordarem com a resurreição de uma academia de letras, que se damnem, pois, os que opinam pelo resurgimento, poderão, em vida, desmentir o verso camoneano — "que o animo valente, perde a virtude contra tanta gente".

Fazem parte desta nova iniciativa os seguintes literatos, jornalistas e poetas:

Amadeu Amaral, Gomes Cardim, Léo Vaz, Cleómenes Campos, Veiga Miranda, Alfredo Ellis Filho, Menotti del Picchia, Plinio Salgado, Cassiano Ricardo, Rubens do Amaral, Alberto Seabra, Othoniel Motta, Spencer Vampré, Manfredo Leite, Alvaro Guerra, Sud Menucci, Lourenço Filho, Ulysses Coutinho e muitos outros.

DIDI CAILLET

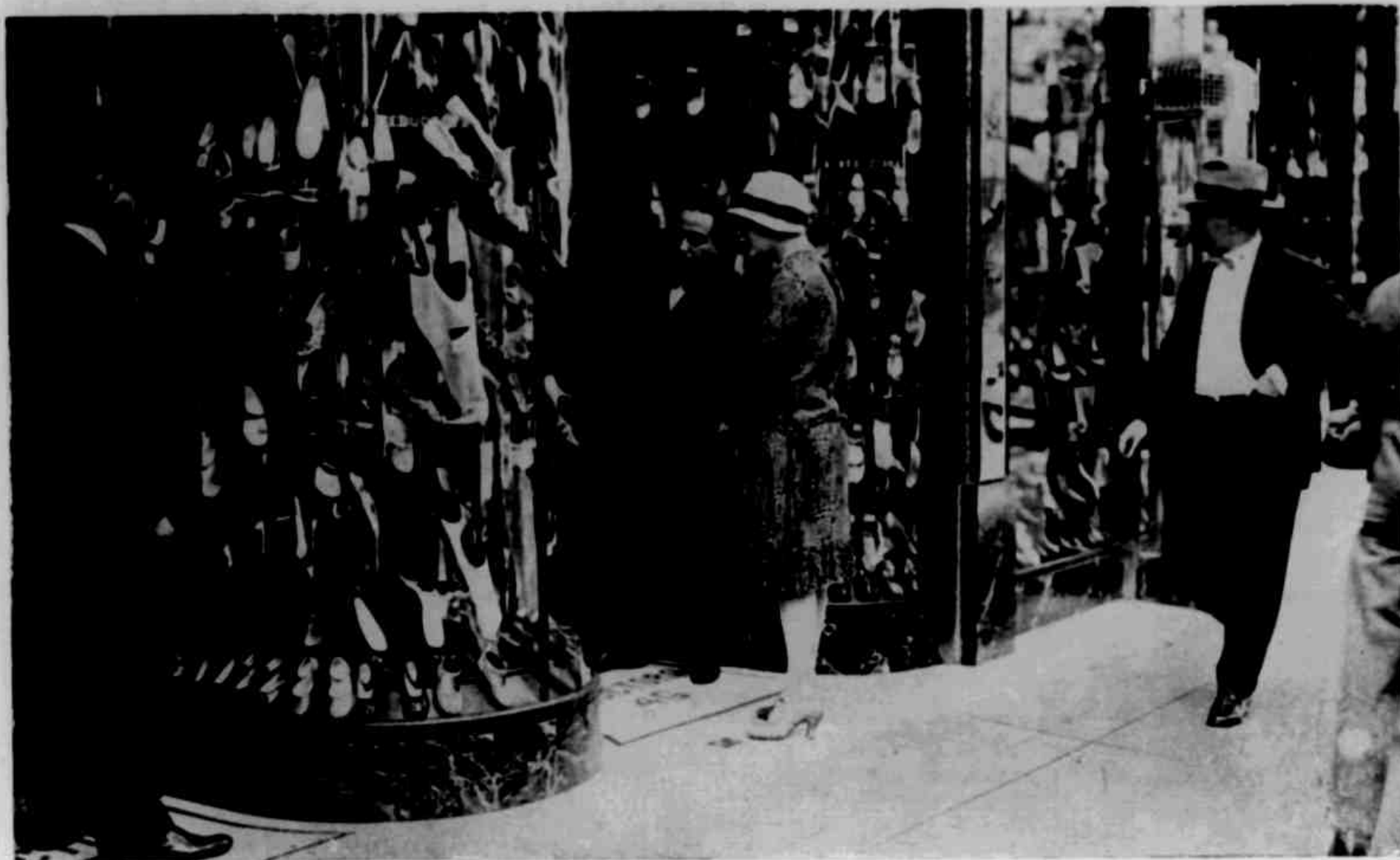
A intelligencia e a belleza illuminam a juventude radiosa de Didi Caillet, cujo espirito fino e dotes physicos resaltam de sua linda figura, tão justamente celebrada no recente certamen, que elegeu a mais bella do Brasil.

Não foi o prestigio de "Miss Paraná" que exaltou a formosura de Didi Caillet; foi esta, pelo seu talento, pela sua arte, por sua graça, que augmentou a gloria de "Miss Paraná".

A linda patricia da terra dos pinheiros — metropole do Sul — impressionou os circulos mentaes do Rio, por ser bella e ser intelligente.

Seus recitaes de declamação causaram um grande e consideravel exito, fixado na memoria dos nossos poetas e escriptores.

P. C.

O dia da estréa dos cigarros Monroe foi um dia de festa na cidade. Todo mundo fumava Monroe. Fumava e ficou fumando. A America é dos Americanos. Os cigarros Monroe são a doutrinas dos bons fumantes.

A Seductora á rua Uruguayana 46 e 48, a casa de calçados preferida pela elite carioca, sendo este mez o do seu anniversario, offerece á sua distincta clientela grandes descontos no seu lindo e variado stock.

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º Andar.

Não faltam mulheres que tenham sido galanteadas, mas é difficil achar-se uma que o tenha sido uma vez só.

Cada homem, negocio, ou cousa tem sua perspectiva particular: umas querem ser vistas de perto, outras só de longe se pódem avaliar.

Heckel Tavares

(Conclusão do numero anterior)

— Mas... e o Sul ?

— Não é no Sul que está a verdadeira musica brasileira. Aqui, temos muito da influencia italiana e franceza. No Norte, não. O que é nosso é pura e genuinamente nosso, fructo da nossa raça, da nossa gente e do nosso ambiente sertanejo. Até lá não chega a influencia da musica estrangeira, para macular o esplendor da nossa inspiração, nem para perturbar a maravilha infinita dos nossos rythmos, que são, sem duvida, o grande segredo da inconfundivel belleza da nossa musica cabocla. No Norte, a nossa musica vibra e palpita pura e simples como brota da inspiração sertaneja. No Sul, ha o contagio, portanto, ha o perigo. E isso é evidente e póde ser apreciado a cada momento. Nós todos estamos fartos de ver que os themas brasileiros, em certas musicas "soit-dizant" brasileiras, desapparecem acachapados pela preoccupação de fazer musica moderna, difficil e até mesmo futurista. São peças que não ficam ! Verdadeiras "peças" pregadas ao bom senso musical alheio. Autores que fazem de prestidigitadores, para engulir os themas populares... Musica brasileira não é isso ! E' preciso que todos nos convençamos. Por isso tenho os olhos voltados para o Norte. O sertão, o lundú, a modinha, as diversas dansas, os reisados, tudo isso é incomparavelmente bello e póde ser assumpto para os mais audaciosos poemas symphonicos. Tudo isso está pedindo, não uma exploração complexa, mas uma estylisação simples e sincera.

— A "musica" dos nossos indios ?

— Não me interessa. E' monotona e pauperrima.

— E as dansas dos negros ?

— Interessa-me muitissimo. Tem grande influencia sobre o meu espirito. Confesso-lhe que conheço bem a fundo o Maracatú — o mesmo que na Bahia se chama Xingó, em Pernambuco, Catimbó e aqui no Rio, Macumba. Tenho em apontamentos duas dansas rituaes, com palavras africanas sem significação. Guardo-as para mais tarde.

— Como estreou aqui ?

— Como empregado de uma casa de machinas... pois quando vim para o Rio, vim para trabalhar no commercio... Mas um dia, o destino levou-me á casa de Goulart de Andrade, que me convidou para musicar a sua primeira revista, em preparo para a Companhia Tró-ló-ló, no Gloria. O successo da estréa foi tão grande, que não tive a menor duvida : larguei o emprego... Escrevi, seguidamente, musica para quatro revistas: "Está na Hora", "Plus Ultra", "Miragem" e "Missanga". Dediquei-me, depois ao genero canção, e publiquei uma quantidade dellas. Algumas são popularissimas: Casa de Caboclo, Sussuarama, Sapo cururú, Tenho uma raiva de você, No nosso tempo de collegio, e tantas outras.

Heckel Tavares já me havia dito tanta coisa interessante, que não pude furtar-me a uma ultima pergunta:

— Diga-me, Heckel, você conta mesmo comsigo, para levar por deante as suas idéas ?

— Conto ! como não ? Deus me livre de não poder realizar os meus projectos ! Nem pensar nisso ! Se depender só de mim, póde ficar certo de que é uma simples questão de tempo, aliás de pouco tempo, espero.

O artista ergueu-se para sahir. Tinha um encontro para dahi ha pouco. Nossa conversa tinha sido interessantissima. E Heckel Tavares, de certo, longe estava de imaginar que aquella meia hora de café havia rendido para os seus admiradores as revelações magnificas destas linhas...

Brunswick
A Dança
Atravez Das Edades
Todas as danças antigas e modernas estão conservadas, com a maxima fidelidade, nos discos
Brunswick
Os aperfeiçoadissimos apparelhos dessa marca, de fama universal, permittem-nos ouvir as antigas, revivendo o passado, e as modernas realizando-as com toda a vida e elegancia, nos salões e nos clubs, como se fossem executadas pela mais afinada orchestra de professores artistas.
AS
PANATROPES
com
RADIOLA
Brunswick
lançadas ao mercado em
1929
fizeram tão formidavel successo pela sua perfeição technica, que as fabricas concorrentes foram forçadas a refazer os seus modelos e a diminuir, nos Estados Unidos, sensivelmente os seus preços
Assumpção & Cia· Ltda
DISTRIBUIDORES
RIO DE JANEIRO e S. PAULO
Panatrope-Radiola
Modelo 3 K R 8
(Orthophonia inigualavel)

Para todos...

Rosa Maria

Illustração de J. Carlos

EU acho lindo esse nome! Lembra uma rosa de belleza, grande, de um branco crême, porém rosa selvagem, aberta, abundante, ao sol, em uma cerca de espinhos, na curva de uma estrada rural onde passam carreiros e onde ha o latido afastado de um cão de lavoura...

E esse nome, como o ninho de uma luz, como o halo de uma lampada, é a auréola baptismal de uma rapariga em que elle se ajusta como a côr exacta que caracterisa uma figura, porque essa Rosa Maria que eu conheci e que conheço tem a belleza sadia, forte e o colorido apecegado de uma creatura sylvestre. E' bem: Rosa Maria.

E' filha de um leiteiro, da vaccaria de uma rua de bairro. Os seus cabellos louros e fartos, ella os alisa em bandós sobre as orelhas, emmoldurando o seu rosto moço e corado e os entrança e enrodilha na parte posterior da cabeça ajustado ao craneo.

E quando lava o vasilhame, acurvada para o tanque, ou quando cosinha as favas, a mexel-as com a larga pá de uma enorme colher de madeira, e cabo longo, no immenso tacho de cobre polido que fumega sobre tijolos empilhados, na improvisação de um forno aberto em que a lenha, em baixo queima e brazeia — dir-se-á, a sua figura na harmonia daquelle conjuncto, uma trichromia allemã, dessas que o espirito de pittoresco, pela necessidade bohemia, de um pintor de costumes, desenha, colóra e enverniza para o tampo de uma caixa de lenços ou de sabonetes de Francfort.

Odette, eu me mato!

EPOIS do que ella acabava de dizer, era inutil tentar qualquer reconciliação. Mas uma esperança, angustiosa como todas as esperanças do impossivel, me prendia ao limiar da porta do apartamento.

Odette, entre duas almofadas grandes do pequenino divan, pernas trançadas, adivinhava e sentia toda a minha afflicção; e no entanto mergulhava os olhos no romance que não lia, e tinha os dedos distrahidos, emmaranhando a franja dos cabellos. Ficou assim muito tempo. Afinal, fechou o livro, e dando commigo, de cabeça derrubada e braços cahidos, tal como lhe ouvira a ultima phrase, estranhou sarcastica:

— Ainda por aqui? pensei que já andasse muito longe...

— Está bem, Odette. Adeus, que eu hei de me esquecer tambem de ti...

Então ella respondeu, picada daquelle "tambem", e animando-se, rispida e embridada:

— Não, não te esquecerás nunca de mim, nem me confundirás como as outras... Estás enganado! Não me esquecerás porque eu te humilhei, porque eu fui a unica mulher que te feriu o orgulho, e te fez chorar!

E excogitando meios de me deprimir ainda mais, repintou as scenas antigas da minha fraqueza e desesperação, e repetiu a phrase em que culminou a maior de todas: "Odette, eu me mato!"

Voltei-lhe as costas, alongando-me pelo corredor estreito. Ella chegou á porta, avançou a cabeça, viu-me ainda á grade do elevador distante, chamou-me e gritou entre duas risadas de endiabrado nervosismo:

— Odette, eu me mato!

Não vale a pena contar o resto; nem ha interesse na historia de sempre, e que é de todos os homens que já quizeram de mais. Sahi dali e fui andando sósinho, sem saber por onde, e com a cabeça a doer-me de uma dôr que me verrumava todas as taboas do craneo, de terebrante que era. Amanheci caminhando, e a imaginar e compôr as respostas que devera ter dado, mas não dei, e a reviver as miserias que me foram lançadas em rosto.

Odette não se enganara. Não a esqueci, não a esqueci! E para que dizer o contrario pelo gosto de me mostrar forte? E' verdade que ao cabo de alguns mezes a sua lembrança não me atormentava com a assiduidade dos primeiros tempos; mas não passava dia em que não me subisse á bocca uma onda de amargura á idéa do perdimento daquella illusão. Mais tarde já não era assim. Conformara-me. E as saudades, se ellas por vezes me acudiam, chegavam melancolicas e suaves como o desejo de rever uma cidade remota quando todas as condições da nossa vida dizem que havemos de morrer sem realisal-o.

Foi nesse periodo de alma assim socegada, mas com a marca da grande cicatriz, que Odette de novo cruzou pelo meu destino. Recebi-a com doçura, e desacautelado, de confiante que estava na extincção de tudo. E a sua presença me infundia pena e saudade, como a lembrança de uma creatura que nos quiz, e cujas cinzas revolvemos pela manhã, mas cujo fantasma, á noite, nos vem fluctuar no vasio da alcova.

Ella me appareceu de rosto livido de manchas, dizendo-me que lhe succedera uma desgraça, e que o outro a desamparara na hora dos primeiros sobresaltos, de despoetisado que ficou de lhe sentir as mãos emaciadas, e como duas lixas, e os labios sempre humidos e frios.

— Não quero saber dessas cousas!... Vê em mim uma pessoa amiga, agradecida do muito que te deve, e emocionada até hoje á recordação do que se foi... Se não mereces mais o meu amor, Odette, nem por isso deixas de merecer tudo ainda, porque não se evaporou a poesia da tua saudade.

Não proferi essas phrases por calculo, nem premeditando a idéa de possuil-a mais tarde, ou de a reconquistar, tão certo que Odette não me despertava siquer o vago sentimento da paixão que pode reflorir, e nem mesmo qualquer rebate intraduzivel de desejo. Falando-lhe assim me animava apenas o orgulho ridiculo de vingar-me, levando-lhe á consciencia

abatida as provas da minha superioridade; e eu seria capaz de todos os absurdos só pelo prazer intimo de atordoal-a dos deslumbramentos de uma belleza moral que lhe era desconhecida.

Depois, na casa de saude, quando a vi quieta, e com as rendas da camisa de dormir a lhe fugirem dos hombros, disse:

— Está bem, Odette. Não me esquecerei de ti, e hei de voltar para ter sempre noticias.

— Vem amanhã, senão eu peoro...

Voltei no dia seguinte, e n'outros. A's vezes, dizendo-me atarefado, não apparecia. Vinha-me logo o recado pelo telephone. Ella se admirara da ausencia e mandava perguntar se eu ainda era o ingrato de sempre!

Para esquivar os commentarios da casa de saude e dos que a visitavam, ia sempre a horas concorridas, e deixava a porta aberta, e ficava-me sentado aos pés do leito, conversando muito, procurando divertil-a, contando-lhe enredos de fitas de cinema, e falando de marcas de automoveis, cousas que a fascinavam, e de que eu não entendia, mas das quaes me informava de vespera para lhe alegrar os momentos da visita, e evitar qualquer allusão ao passado. Aconteceu porém que, por fim, eu já conversava pouco. Cahia num silencio que nunca mais se acabava, e quedava-me de olhos baixos, mas tocado da luz dos de Odette, maravilhosos de intuição e ternura.

— Fala, anda! Parece que não te agrada mais a moça do quarto 32...

Eu não respondia, porque já me espantava de sentir os trabalhos surdos do coração.

Odette foi convalescendo, vendo tudo em torno palpitando de côres novas. Convalescia, e affixava nos amanhãs da sua vida cartazes berrantes de sonho.

Um dia, comprehendendo que eu ainda tentava lutar, enganando-me a mim mesmo, desfechou-me o golpe de misericordia:

— Não és ainda apenas o amigo, e me queres mais do que na ultima noite, porque me queres com toda a suffocação das saudades desses mezes compridos de ausencia...

— Ora, Odette, não me fales assim, que essas cousas já passaram...

— Se já passaram, porque ficas tão longe de mim? Porque olhas tanto para essa porta escancarada e, quando te peço as mãos, arranjas invariavelmente um pretexto para chamar a enfermeira?... Não tentes explicações. O passado é o passado. Não quero saber que fizeste da tua liberdade de todo esse tempo. Hoje é quarta-feira. No sabbado vou deixar a casa de saude. Irei comtigo, se quizeres, para bem longe, onde ninguem nos descubra. Irei para uma cidadesinha do interior, e viveremos lá, passeando a cavallo, colhendo frutas, e dormindo a sesta, sem que ninguem saiba...

Quiz dizer que não, que estava tudo acabado, e era tarde, e não valia a pena tentar o milagre da resurreição. Quiz dizer, mas não disse. Perdera-me de todo. Sahi fugido do quarto. Sahi para scismar sosinho, longe dos olhos de Odette, na felicidade com que ella me acenava. Minha confiança era tão grande, ou tão doida, a minha illusão, que me esquecera, de tudo, e a intelligencia me baixara á insensatez de suppôr que Odette me quizera sempre, e eu, de desalmado, não a comprehendera nunca! Ah, sim! Ella sahiria no sabbado. Domingo, de manhã cedinho, estariamos no trem, longe dos ares febris da cidade, vendo as paysagens de verde desatado, e os valles, que nos dariam desejos de brincar e adormecer.

E eu estava em casa, separando livros e discos para a viagem, e misturando os seus perfumes favoritos, e já eram mais de dez horas da noite, quando o telephone vibrou. Má noticia! O Alfredo ficára debaixo das rodas de um automovel. Recebera os primeiros curativos num hospital de urgencia, e fôra transportado, a pedido da familia, para uma casa de saude.

— Que casa de saude? — indaguei.

— Aquella de Botafogo, que é daquelle cirurgião da tua terra...

Sim, eu sabia... Pois se lá é que estava Odette! Mas já era tão tarde! A pobre estaria de certo dormindo. Além disso, as enfermeiras poderiam estranhar... E não era nobre que passando meu amigo tal transe, eu me valesse daquella hora para falar a uma mulher...

Quando cheguei, Alfredo, meu companheiro de infancia, sorriu-me, já deitado na cama de rodas, prompta para leval-o á sala de operações. A enfermeira havia estendido ao cirurgião a bandeja dos ferros, e já ia lá em baixo pelo corredor do quarto 32...

Alfredo sorria ainda, pedindo novas de minha familia, e descrevendo a impressão do desastre.

— Não ha gravidade nos ferimentos, não é doutor? — indaguei do medico, admirado daquella exuberancia de espirito, mas falando baixinho.

O operador me travou do braço, deu alguns passos para o lado, e disse mais baixinho ainda, amarrando o avental na cintura:

— Não se fie das apparencias... Isto é um máo symptoma. Vi na guerra feridos que tambem riam e conversavam assim, e duas horas depois estavam mortos! O desequilibrio violento do organismo é que produz, por vezes, essa exaltação illusoria, essa como embriaguez, que dá tantas esperanças.

A cama foi rodando. Está lá em baixo. O assistente pergunta-me se não quero assistir a operação, como amigo... Respondo que não, porque cahiria em vertigem, explico-lhe, diante dos ferros e do sangue. Sentei-me e fiquei a olhar duas enfermeiras que iam e vinham pelo corredor, de braço dado, estirando as sombras unidas e movendo as sandalias silenciosas. Eu acompanhava as duas com os olhos, parecendo-me que ellas, passeando no mesmo vae-vem, vigiavam de qualquer modo a porta do 32, e protegiam o somno de Odette.

Depois de algum tempo, aquella porta se abriu e uma enfermeira trouxe lá de dentro uma bandeja de chá. Reparei que havia duas chicaras. De certo ella recebera a visita da irmã. Tive vontade de perguntar se a moça do 32 já estava dormindo. Reflecti, depois. Era melhor não falar, porque eu acabaria ainda entrando pelo quarto de Odette áquella hora, dando-lhe noticias do meu amigo que se operava, e impressionando-a talvez. Demais, eu poderia me mostrar muito impaciente pelo domingo... Não convinha tambem... Continuei á espera do resultado da operação.

Meia hora passada o cirurgião, e mais o assistente, vieram a mim. A intervenção não fôra rapida, e a vida de Alfredo perigava bastante. As fracturas... E o operador foi me descrevendo tudo, e eu ia ouvindo, ouvindo...

A certa altura olhei o corredor. A porta do 32 se abrira outra vez. Um vulto resvalou na luz. Tive tempo de reconhecer a mão de Odette no batente. Depois lhe reconheci a voz, de toada infantil:

— Até amanhã, Alvaro!

— Odette, até amanhã! — respondeu o outro, agitando o braço num adeus, e já descendo a escada, desattento do grupo que me cercava.

— Doutor, esse moço está empallidecendo! Elle vae desmaiar! — avisou, apontando-me, uma enfermeira que se approximara.

— Não é nada! Traga um pouco de ether! — ordenou o assistente.

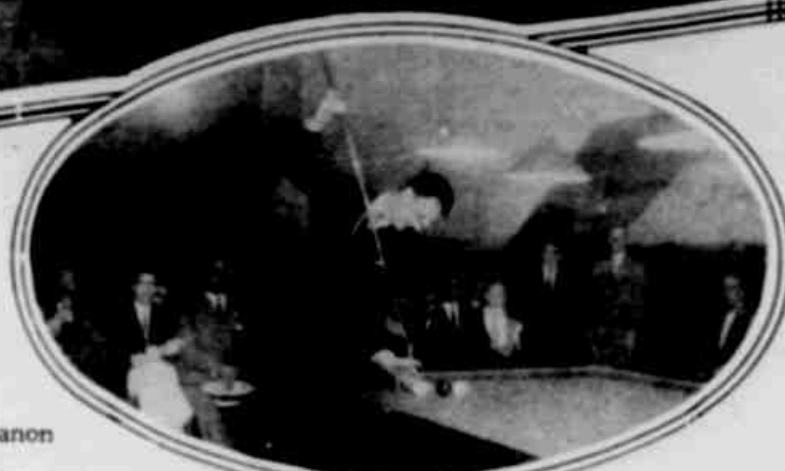
E, voltando-se para o cirurgião que ainda me descrevia as brilhaturas dos seus ferros a recortarem os tecidos esmagados de Alfredo:

— Professor, elle me disse que não assistia a operação do seu amigo porque era muito sujeito a vertigens, e tinha medo de desmaiar! Não lhe fale mais nisso. Vamos distrair-lhe o espirito dessas idéas que tudo já vae passar...

TORNEIO
D E
BILHAR
A O
QUADRO

A ultima partida no Salão Trianon

Em 3 de Junho

Manoel Guimarães, campeão

Marcos Mendonça, 2° logar

TERCETOS AO MODO CLASSICO

Para esquecer o nosso amor enfermo,
Vim-me em demanda deste ceu antigo
Onde as penas romanticas têm termo.

Aqui, na luz sonora e ao vento amigo,
Num sopro as sombras como sonhos vão,
E os espectros ditosos vem commigo,

Sobre a doçura verde deste chão,
Que o tentador caprino andou pisando
Com seus pés de capripede brincão.

Canta-lhe alada a flauta, ao sol cantando,
Entre aguas de crystal ao sol nascidas
E a ouvir-lhe o canto capcioso e brando,

Do mesmo appello que as levou trazidas,
Na ronda circular do seu destino,
Ledas as nymphas chegam, e despidas.

Por lhes beijar o vulto peregrino,
Aos pés rolando-lhe amorosamente,
Tem mil boccas de amor o mar divino.

A maravilha azul ensina á gente,
Sem que memorias pezem, nem pezares,
Da luz de cada dia a ser contente.

E na isenta alegria destes ares,
Esquecido de todo o gothico uso,
Ceus glaciaes e gelidos altares,

Desfeito o nome que o trazia incluso,
Na gloria matinal de uma nova éra,
Livre renasce o meu amor, diffuso

No sonho germinal da Primavera.

TRISTÃO DA CUNHA
Napoles

HENRIQUE CHAVES

SINHÔ

J. OLIVEIRA

O nosso querido Sinhô foi a São Paulo que chamava por elle. Foi com os seus sambas, as suas toadas, e com Henrique Chaves e J. Oliveira para cantal-as. São Paulo apinhou o Theatro Municipal na festa de Sinhô. O doutor Julio Prestes estava lá. Estavam lá Tarsila, Oswaldo de Andrade, Mario de Andrade, Dona Olivia Penteado, Raul Bopp, Paulo Mendes de Almeida, Pagú, Brasil Gerson, René de Castro e tudo que a capital artistica do Brasil tem de bom e de bonito. Um successo! Bis! Bis! Bis! A gente daquella terra que dá alegria de viver, gostou e pediu mais. Sinhô fez um samba novo: "Seu Julinho vem!". Delirio! Depois, Sinhô, Henrique Chaves e J. Oliveira estiveram em Campinas amparados pela mesma felicidade. Mas o Rio anda com saudade delles. E elles andam com saudade do Rio. Qualquer dia cá os teremos.

FESTA NO CLUB DOS BANDEIRANTES

Sociedade

São Sebastião, de Margarida Lopes de Almeida.

Foi brilhante a "soirée" de sabbado na residencia Tristão da Cunha, em Copacabana.

Era a primeira recepção do joven casal Vasco Tristão da Cunha.

Noite de magia, de deslumbramento para os olhos e para o espirito, pois lá se achava um grupo de senhoras e senhoritas notavel pela belleza e pelo espirito.

Dir-se-ia uma homenagem á formosura da dona da casa.

Assim, entre outras pessoas: a encantadora senhora Antonio de Leão Velloso, a scintillante senhora Paulo de Bettencourt, a bellissima senhora Joaquim Corrêa do Lago, senhora Plinio Uchôa, senhora Portocarrero, senhoritas Dora e Violeta Burlamaqui, intelligencia e elegancia, Celina Portocarrero, figura deliciosa de Winterhalter, Hortencia e Vera Roxo, formosuras que fazem o orgulho de uma raça, Martha Bueno de Andrada, Cyone Portocarrero, Carolina Nabuco, Albertina de Mello, Mello Franco, senhores Frederico Burlamaqui, Marcello Castello Branco, Joaquim Proença, Muniz Barreto, Gilberto Trompowsky, Mauricio Nabuco, Antonio Leão Velloso, Paulo de Bettencourt, etc.

—

O primeiro jantar dansante do Country Club, domingo ultimo, alcançou um exito formidavel.

Depois das corridas no Jockey Club, um mundo de gente elegante reuniu-se no Club de Ipanema para o aperitivo e depois para o jantar.

O Country Club monopolisa actualmente toda a elegancia da cidade.

Entre outras pessoas: senhor e senhora Fernando Nabuco de Abreu, senhor e senhora Cezar Proença, senhor e senhora Alberto de Faria Filho, Barão e Baroneza de Saavedra, senhor e senhora Jorge Murtinho, senhor e senhora T. Hargreaves, senhor e senhora Cezar de Mello Cunha, senhor e senhora Antonio de Leão Velloso, senhor e senhora Paulo de Bettencourt, senhor e senhora Juvenal Murtinho, senhor e senhora Bica de Almeida, senhor e senhora Vasco Leitão da Cunha, senhor e senhora Evandro Chagas, senhor e senhora John Cabral, senhoritas Candido

Praia de Copacabana durante o ... sabbado passado ... teve a alegria de ... as festas que a elegante sociedade realisa na sua ... Avenida Atlantica : : :

Mendes, Vera e Violeta Burlamaqui, Sonia e Yolanda Burlamaqui, Laura Novis, Martha Bueno de Andrada, etc.

—

Reabriu-se o Theatro Casino com "As ingenues de New York".

Toda a sociedade do Rio tem ido applaudir as deliciosas "girls" que foram o grande successo do "Florida" e do "Empire", em Paris.

"Moonlight and roses" e "Chloe", as canções tão em voga agora na Europa são os numeros de maior exito todas as noites. Todos esperam com ansiedade, no proximo programma, a famosa "Rhapsode in blue", de Gershwin, a notavel creação de Paul Whiteman.

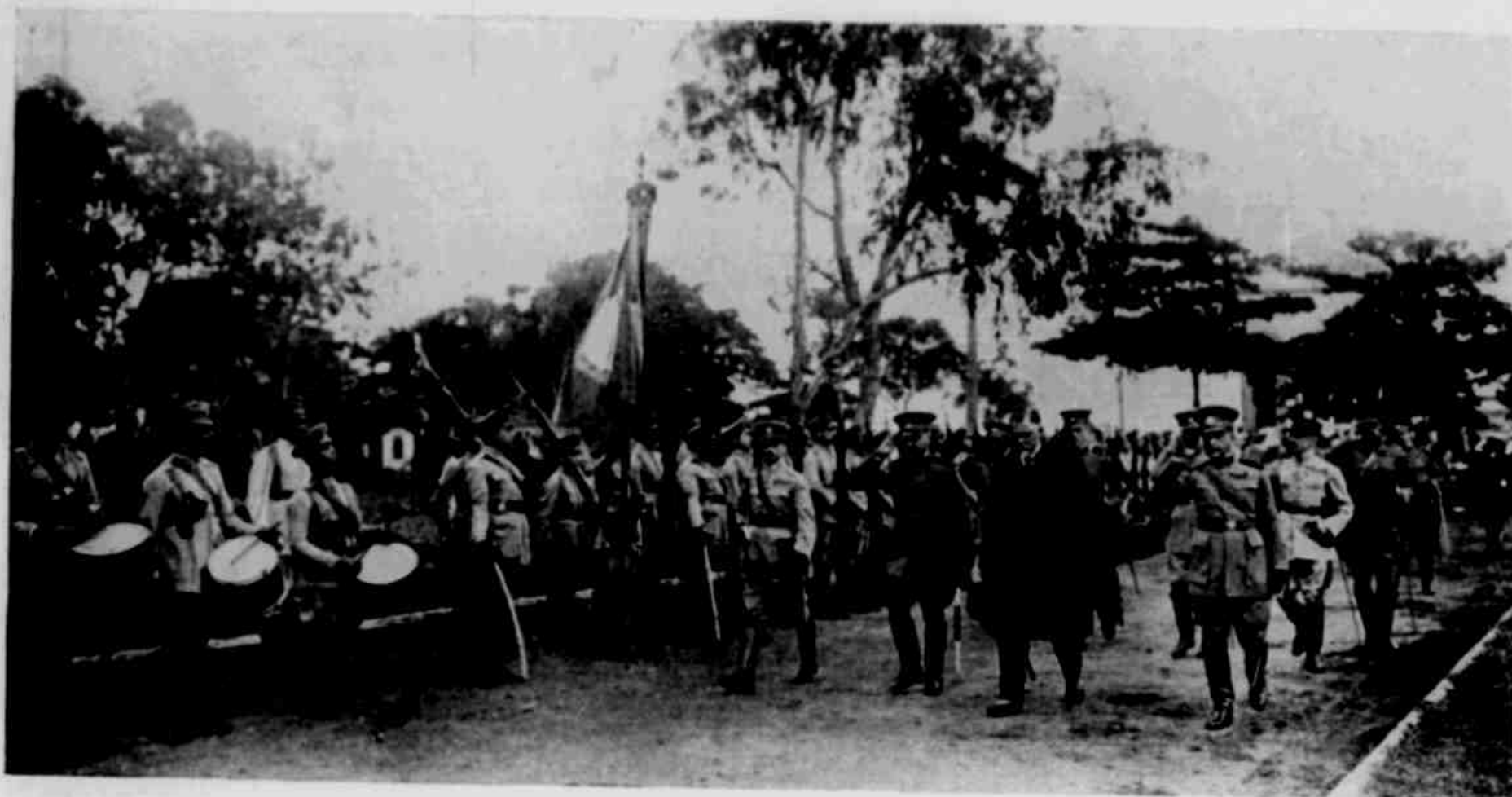
Pela sala do Casino tem passado a gente mais elegante da cidade.

Assim, sabbado e domingo, estiveram na linda "boite" do Passeio Publico: senhor e senhora Paulo Serrado, senhor e senhora Paulo Bettencourt, senhor e senhora Ruy Mendonça, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Gabriel Monteiro de Barros, senhor e senhora Pedro Serrado, senhor e senhora Cezar Proença, senhor e senhora Alvaro Moreyra e senhora H. Santos Lobo, etc. — VICTOR VICTORINO.

Vae aqui a expressão da nossa grande magua pela morte de Duarte Felix, da familia do "Correio da Manhã" e uma das creaturas mais queridas do Rio de Janeiro como presidente do Club dos Democraticos.

Margarida Lopes de Almeida, a nossa patricia tão admirada, acaba de receber mensão honrosa do jury do "Salon" de Paris pelo seu baixo-relevo "Alegresse" e a sua estatua "São Sebastião".

Berta Singerman que dá hoje no Lyrico a sua 4ª ve...

The Ingenues, de New-York no Theatro C...

Em cima: o senhor Presidente da Republica chegando á fortaleza de São João, onde foi assistir ao juramento á bandeira dos nossos conscriptos do Exercito.

Em baixo: os delegados do Supremo Conselho Maçonico do Brasil, senhores General Moreira Sampaio, Capitão de Corveta Cocalapis de Paiva e Dr. Hugo Martins, que tomaram parte no Congresso dos Supremos Conselhos de 56 paizes, reunido em Paris, — logo depois de desembarcarem de volta ao Rio.

NOVA-YORK, CIDADE CUBISTA, CIDADE DO SILENCIO, CIDADE DE LUZ.

POR GEORGETTE LEBLANC

QUANDO parti para Nova York não foi para vêr Athenas, Constantinopla ou Bagdad... Admiro Rembrandt, mas não exclamei ao vêr um Picasso pela primeira vez: "Que horror! nada tem de Rembrandt!" Disse, ao contrario: "Que belleza!"

A minha primeira impressão de Nova York foi tão forte que não me occorreu explical-a, definil-a ou defendel-a.

O meu guia, um jornalista da cidade, desculpava-se a cada esquina. Julgava que tanta fealdade devia me surprehender! Elle é que me surprehendia. Mais tarde, habituei-me á ignorancia modesta dos Americanos. Comprehender não é obrigação; é o "business" da elite e dos artistas. Estes, em geral, viram muitas coisas e bastantes paizes, para se libertarem da tyrannia das comparações. Não achei em Nova York nada do que encontrára em todas as capitaes da Europa. Cidade nova, concepção nova, ar novo (o ar de lá activa a vida). Uma cidade que nada pede ás outras e não quer saber de imitações, exceptuando-se alguns "buildings" menos recentes, que destoam pelas suas pretensões neo-gothicas, não como uma nota discordante (a musica moderna justifica as notas discordantes), mas como um erro.

A cidade americana foi construida por uma pleiade nova de artistas: os engenheiros-architectos. E' a cidade cubista. Ella ficará como a representante de uma época que revolucionou as regras da arte. E', pois, exquesito que não seja universalmente comprehendida e até "catalogada". A nossa Torre Eiffel, que pertence á mesma esthetica e que poderia ser um dedinho perdido da gigantesca Nova York, essa torre tão ridicularizada outrora, não está hoje rehabilitada?

Criticam a aridez da cidade, recortada em quadrados, construida em angulos rectos, formando blocos enormes a perder de vista. Não tem ornamentos, nada que encante e distraia a vista nessas paredes immensas e nenhuma arvore... é um dos grandes defeitos que attribuem a Nova York.

Realmente, que figura fariam arvores como as que são o encanto dos nossos **Boulevards**, ao lado dos arranha-céos? Seria inutil expol-as a essa humilhação. A arvore e suas curvas romanticas estaria descollocada nessa floresta de cabos gigantes.

NOVA YORK, CIDADE DE SILENCIO

Oh! Parisiense, martyr das businas dos automoveis! Dormes antes das tres horas e depois das seis horas da manhã? Abres tua janella á primavera? Respiras nas noites de verão, arejas teus pulmões? Apesar das tuas venezianas, das tuas cortinas duplas, pódes, ao menos, reflectir e trabalhar no meio do ruido infernal? Desejaste, como eu, uma lei que prohibisse a todos os automobilistas usar de mais de um som? Póde-se contentar de um desastre uniforme, mas de que modo habituar-se ao imprevisto?...

Em Nova York, durante quatro annos, não ouvi uma busina de automovel. Pensas que invento... Não.

Imagina primeiro, que do alto da minha janella, ás quatro horas da tarde, eu via circular milhões de automoveis, como tu vês agitar-se um formigueiro! Rios de animaesinhos cujas côres differentes eu mal distinguia, subiam e desciam, fugindo ou approximando-se, virando, voltando ou parando, emquanto que insectos maiores, verde e ouro, majestosos bezouros brilhando ao sol, seguiam mais devagar, oito ou dez, quasi se tocando, ás vezes.

Nessa occasião o transito augmenta de tal maneira que chega á "congestão" (como dizem elles).

A circulação é tão vagarosa, que não se sabe por que os transeuntes que se espremem nas calçadas, egualmente "congestionadas", não andam tranquillamente na coberta dos carros; realmente, elles o fariam se a ingeniosidade americana não previsse a sua impaciencia.

Fala-se em fazer caminhos aereos sobrepostos (mais construcções no terreno-espaço).

Desse modo poder-se-á escolher os caminhos inferiores sem tempestades e sem sol, ou os superiores, sujeitos ás intemperies..

Bella moral a de Nova York: espaço sempre no alto!

E o segredo do mecanismo silencioso? E' simples. Cada duzentos merros eleva-se uma minuscula Torre Eiffel, no alto da qual vive um policia confortavelmente installado numa jaula de vidro.

Esse Deus da Direcção é tambem o Deus do Silencio, armado de um jogo de discos que funcciona sempre e que regula a circulação. E principalmente! principalmente!

Elle arma processos aos "chauffeurs", que tenham, por acaso, o atrevimento de businar!

Lembro-me de ter dormido lá no hotel Brevoort, Plazza ou Ritz, em pleno centro, as janellas todas abertas a qualquer hora do dia ou da noite..

E 'preciso accrescentar que ultimamente a construcção dos arranha-céos tomou tal incremento que o socego de muita gente se acha perturbado

Protestam e contam com um novo milagre: construir em silencio!

NOVA YORK, CIDADE DE LUZ

O que dura a noite de Nova York e onde está ella?

A medida do tempo, egual nos dois mundos, não serve para os Estados-Unidos.

Ali, o Tempo insufficiente corre atrás das horas como um esfomeado; e pensa-se como é longo em Paris, onde tanta gente passeia, conversa, faz visitas, demora nos cafés, para "matar o tempo".

Não matam esse Gargantua, sangram-no.

Os Americanos atiraram no espaço uma ponte de luz que vae do crepusculo á aurora. Isto creou a magia de Broadway.

Todas as noites começa um segundo mundo no céo.

Acabam-se as trevas, as estrellas e a lua das elegias; coisas, sêres, palavras desenhadas em fogos multicôres vivem, dansam, gesticulam no infinito. Palmas, cascatas de pedrarias... um esfusiar de diamantes para apregoar: "Eu sou a gomma X! Eu sou o automovel Z! Eu sou a machina B! Eu sou o elixir da mocidade!" e chuvas de rubis, de saphiras, de esmeraldas, como que inundam a cidade inteira!

Ao apresentar-me esse maravilhoso delirio electrico, o meu guia americano disse-me em tom humilde:

"E' muito bello, mas... é preciso reconhecer que a Arte não é isso!"

Era realmente curioso vêr esse bom "gentleman" admirar sem comprehender e respeitar sem saber.

A Arte começa aqui, a Arte termina ali! O que diriam os artistas de antigamente se lhes tivessem falado em esthetica de machinas e de tudo o que constitue a Arte de hoje?...

Uma outra noite existe, bella como um conto oriental.

Ella apparece sobre o Hudson, quando se atravessa de uma margem para outra.

Ao longo das cem mil torres subindo aos céos, milhões de janellas alinhadas como tabuadas de multiplicação, jorravam luzes mais vivas, mais intensas, mais proximas do que as estrellas.

De dia, essas janellas, orificios regulares, sem peitoril, sem cortinas, guarnecem o "building" como os alveolos a colmeia.

A' noite todos esses andares illuminados cream palacios inverosimeis de uma belleza inaudita, magica, descommunal e quando o navio deslisa sobre o rio, num silencio tal que apenas se ouve o rythmo surdo da machina, deante desse espectaculo das Mil e Uma Noites, pensa-se na "ordem", na "belleza", no "luceo", na "calma"...

Foge-me sómente a ultima palavra do verso... (Fica para outra vez explicar por que "volupia" não está ali tambem).

O inspector negro informa-me que a floresta de torres propaga-se, estende-se e eleva-se ainda, insaciavelmente.

Construindo-as quebra-se a cabeça e elle accrescenta com um olhar de animal resignado:

"Encontra-se sempre operarios para as contruir. Sim, a vida accelerada não tem grande valor, brinca-se com ella, salta, ergue-se, cáe, torna a saltar como uma bóla. Um dia, ella cáe do **outro lado**, mas não se tem tempo de pensar nisso.

"Borboletas", de Gilda Moreira

"Temporal", de Gastão Formenti

"Plaquette", de Adalberto Mattos

"Ao violão", de Sarah Figueiredo

"Volta do pasto", por Carmo Fausto

Os Artistas Brasileiros em Rosario de Santa Fé

"Morte de Mimi", de Manoel Constantino.

"D. Quixote" — Quirino Silva

"Veneza", de Mario Navarro da Costa.

O Conselho Superior de Bellas Artes, no dia em que autorisou a organisação do envio artistico á Exposição de Bellas Artes, em Rosario de Santa Fé, á realisar-se em Julho proximo.

"Fructa da terra", de Modestino Kanto.

"Retrato", de Corrêa Lima

Os artistas brasileiros na Exposição de Bellas Artes de Rosario de Santa Fé na Republica Argentina.

"Retrato", de Herculano

"Maternidade", de Zaco Paraná

"Os namorados" por Haydêa Santiago

"Retrato", Magalhães-Corrêa

"A India" por Manoel Santiago

TELEPHONOSPHOBO

ELLE contou-me o facto achando graça e promettendo mostrar em occasião azada o documento vivo, ou antes, a carta que motivara a confidencia. Trouxe-a hoje.

"Minha senhora, consegui afinal descobrir-lhe o endereço e, se tenho a ousadia de escrever-lhe é porque não posso mais...

Não posso mais; no sentido literal de enfaramento, tedio, obsessão, premencia de manicomio, impetos de suicidio.

A Sra. tanto me tem perseguido pelo telephone que ando, positivamente, em vias de aloquecer.

Não posso mais ouvir resoar cousa que de longe recorde um retinir de campainha, que não estremeça da cabeça aos pés.

E' ella!... palpita-me o coração num deliquio acovardado. E quasi sempre... é a Senhora mesmo!... Não se vá, todavia, desastrosamente equivocar sobre a causa deste deliquio e daquella imminencia de loucura.

Não vá pensar, — (como dizel-o sem brutalidade, meu Deus?!...) — que são perennemente de prazer as sensações provocadas pelas ininterruptas telephonadas com que, ha certo tempo para cá, vem a Senhora honrando o meu obscuro personagem.

Para lhe falar com a destemperada franqueza que me caracterisa, devo dizer-lhe, antes de tudo, que a natureza teve o máo gosto de me fazer telephonophobo, o que quer dizer adversario do telephone. Um homem pratico, sensato, prosaico, sem escaninhos de alma, nem esfusios de imaginação.

Um vulgarissimo homem vulgar. Não comprehendo o romanesco. Aborrece-me.

Para qualquer outro que não tivesse este meu feitio terra a terra, a lisonjeira insistencia com que a Senhora pretende que eu lhe descubra a identidade, atravez a vózinha aflautada com que me tiroteia de telephonicas amabilidades, seria motivo de grande e justificadas pretensões.

Mas eu não tenho pretensão nenhuma, a não ser talvez a de viver socegado no meu canto, sem que, de minuto em minuto, me estejam perguntando:

— "Então, não reconhece minha voz?... Se soubesse com quem está falando?..." Não, minha senhora, eu não sei quem fala e vou lhe confessar uma consternadora verdade: não tenho vontade de saber... A Senhora provavelmente deve ter as suas razões para me considerar, visto isto, um homem sem gosto.

SENHORA JARBAS ANDRÉA
(Caricatura de Romano)

Sem gosto nenhum, estou de pleno accordo. Sem gosto principalmente para este genero de flirt telephonico de que o progresso tem desgraçadamente incentivado a moda. Que prazer póde, em verdade, ter a sua ociosidade em atazanar a paciencia de um trabalhador de minha especie, com pergûntinhas sem a proposito e mysterios descabidos; quando ha tanta cousa aproveitavel a fazer na face do planeta?...

E em toda parte, em casa, no escriptorio, no club, no alfaiate, no barbeiro, na "garçonnière" dos amigos, até no restaurante barato onde faço a economia de almoçar, a Senhora vive quotidianamente no meu encalço.

De manhã, durante o dia, á tarde, á noite, até altas horas da madrugada, tenho eu de attender ás frioleiras com que lhe apraz pôr á prova a resistencia do meu systema nervoso.

Como trote, talvez tivesse espirito no principio. Já vae começando, todavia, a exorbitar.

Outro, que não eu, já se teria rendido e estaria apaixonado.

Eu fiz esforço, porém, não consegui.

Um enervamento crescente fez-me considera-la o flagello de minha modesta existencia.

Que lhe fiz eu, minha senhora, para d'est'arte encarniçar-se contra a minha tranquillidade?... Nada tenho, asseguro-lhe, dos Ramons Novarros, Johns Barrymores e Ricardos Cortez dos quaes a sua imaginação cinematographisada, como a de todas as suas congeneres, aliás, se diverte em equiparar-me!

Sou a negação de tudo quanto seja cinemismo.

Rogo-lhe, portanto, a fineza de deixar-me em paz. Não me telephone mais. Não ha futuro nesse genero de sport com um homem do meu temperamento.

Empregue melhor os seus lazeres.

Eu não supporto enigmas. Nunca pude decifrar uma charada.

Tudo quanto se apresenta sob um aspecto esphyngetico, torna-me logo de uma estupidez central.

Desista, pois, de me perguntar se lhe conheço a vóz. A Senhora esfalfa-se em repetir-me que me conhece.

Como commette, então, o erro de me massar desta atroz maneira?... Desde que me conhece, deve saber quanto é avesso a estas telephonadinhas irritantes, este que, se continuar a bançar com elle a Dama Incognita, nunca poderá ser seu admirador, como a Senhora evidentemente tanto o deseja.

Luiz Palmerim"

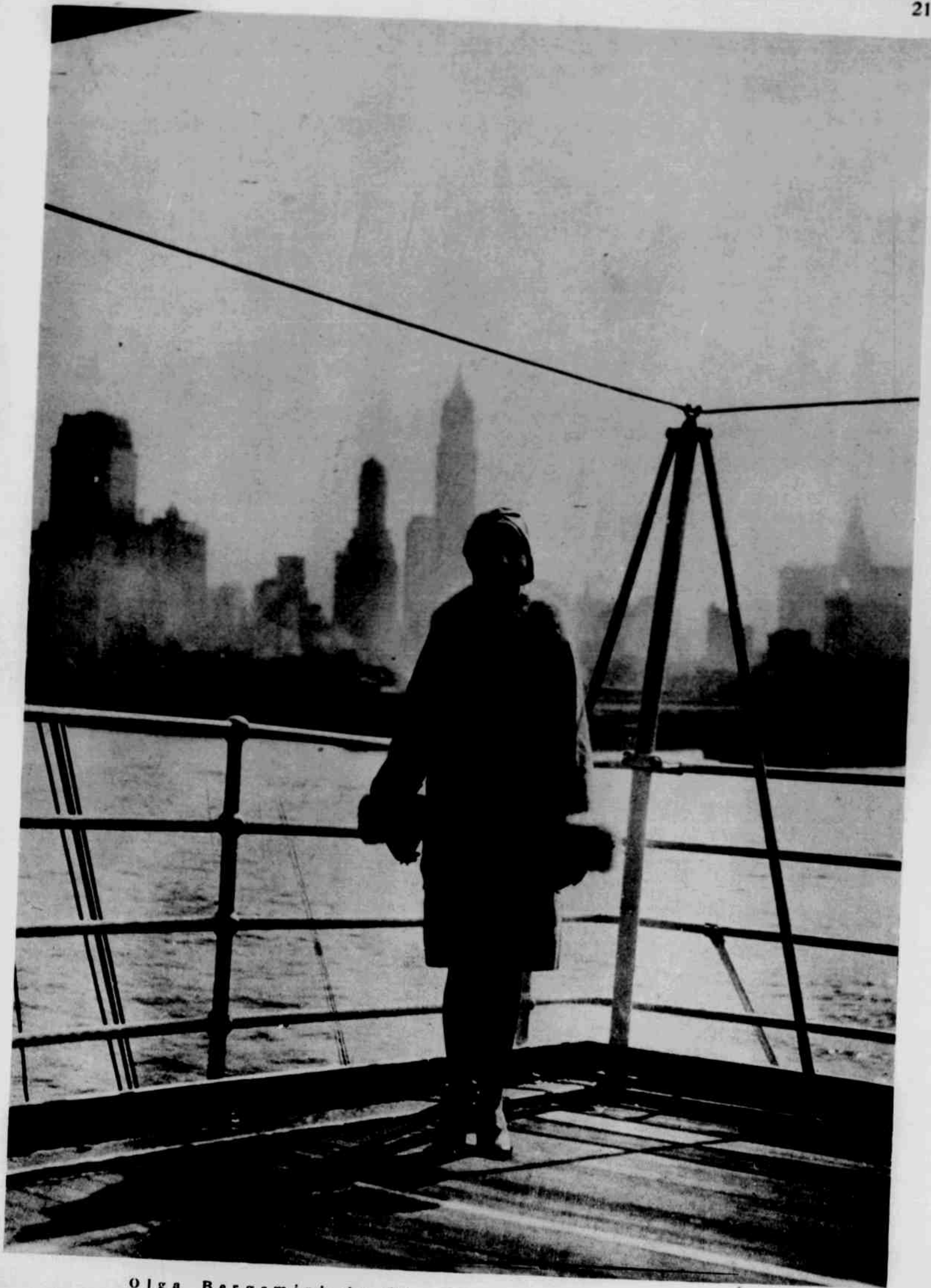
— Sabem como vae acabar este sujeito?...

— No Hospicio.

— Não. Casando com a telephonista renitente, se não fôr casado. Ou, pelo menos, gostando della... *Ce que femme veut*...

— E' possivel. Em todo caso, bem razão tem o poeta quando diz:

O que encontro de mais graça
Nesta c a ç a d a do a m o r,
E' que, não raro, anda a caç
Perseguindo o caçador...

MARIA EUGENIA CELSO

Olga Bergamini de Sá no porto de New York

Miss Brasil em viagem

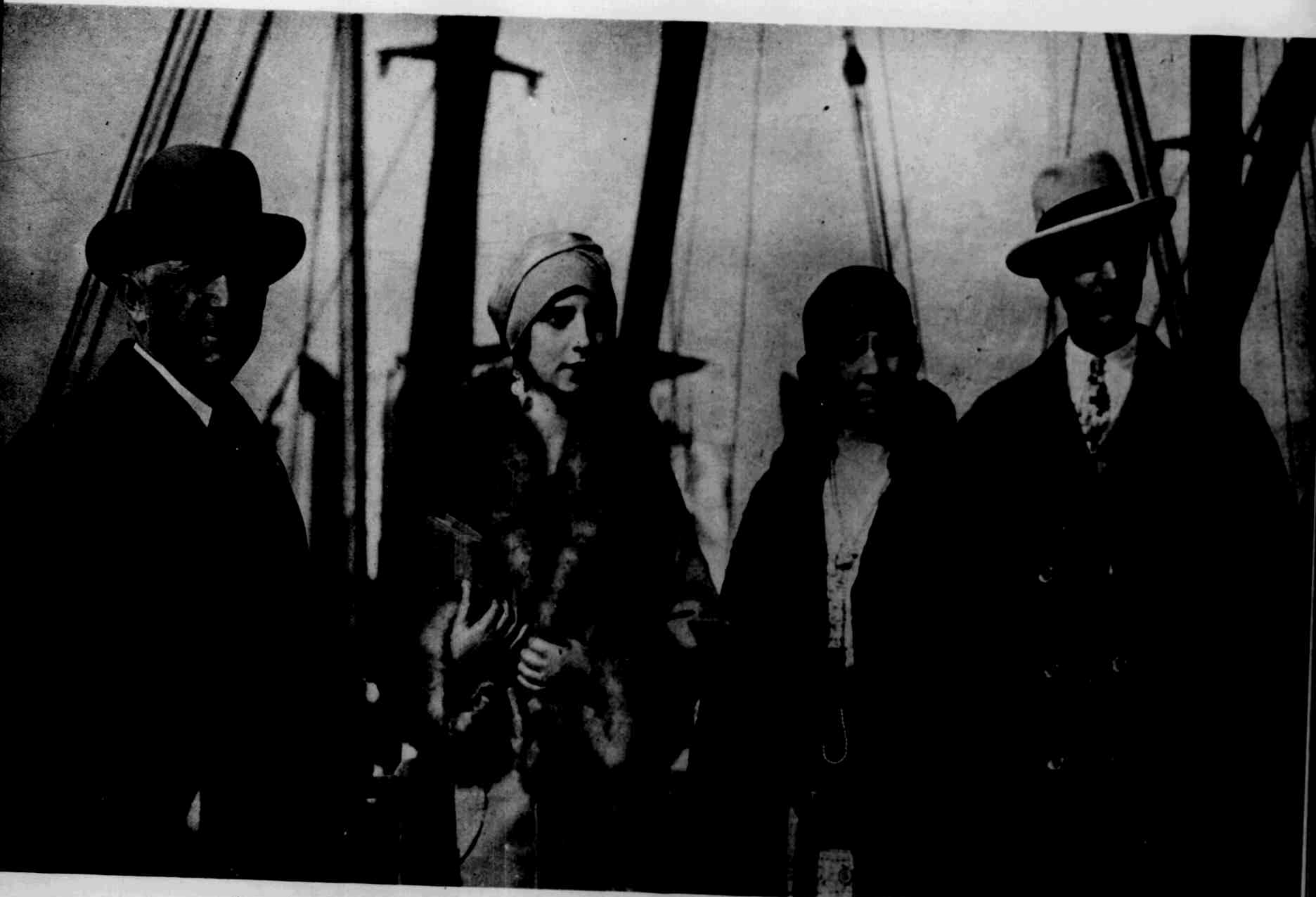
A bordo do Western World

Photographias

de Adhemar Gonzaga

OLGA BERGAMINI DE SA', AL. SZCKLER, EVA SCHNOOR

Exclusividade

de "Para todos..."

O consul geral do Brasil com Olga Bergam'ni de Sá, senhora Bergamini de Sá, senhor Waldemar Bergamini de Sá

O l g a   B e r g a

Photographias enviadas, como todas as que estão neste numero, pelo nosso companheiro Adhemar Gonzaga, representante de "Para todos..." na comitiva de Miss Brasil.

mini de Sá

Ella não foi Miss Universo. Mas fez com a sua presença em New York e em Galveston a mais bella propaganda do Brasil. Isto consola de tudo.

OLGA
BERGAMINI
DE SA'

AINDA
A BORDO DO
"WESTERN WORLD"

Um sorriso para os jornaes e as revistas de New York

Olga com o consul Sebastião Sampaio posa para os photographos de New York

Você já leu "Toda a America", de Ronald de Carvalho? E "Lanterna Verde", de Felippe de Oliveira? E "Canto da Minha Terra", de Olegario Marianno? E "Circo", de Alvaro Moreyra? Já? Parabens! Ainda não? Oh! Vá depressa a rua Sachet numero trinta e quatro, perto da rua do Ouvidor. E' lá a Livraria Pimenta de Mello & Cia., editora desses e de muitos outros livros bons e bonitos.

Luiza Maria, filhinha do casal Victor Pontes, com as amigas e os amigos que foram festejar o dia do seu anniversario que foi o dia 2 de Junho.

Lolita, tango-canção

Amei-a ingenuamente. Chamava-se Lola. Pseudonymozinho de divette: Lolita. Tinha uns olhos negros, compridos, de "manola", e um geito assim de tango, de chinoca bonita.

Ora, uma vez, fiz versos p'r'uma cançoneta e fiquei sendo quasi uma celebridade: é que a Lola, ex-actriz de um theatro de opereta, cantando o meu "refrain", perverti a cidade.

Era um typo a Enrique Zo e eu a achava bella: ficou sendo o meu vicio de cabellos pretos, para quem eu rimei milhares de sonetos, no orgulho enorme de ser amante della.

Li Carriego e fiz dividas. Mas, era a idade da primeira aventura: 18 annos. E... com pretensões de poeta. Recitava Musset e era o alumno mais vadio da Faculdade.

Por esse tempo, Lolita arruinara uns 10 atacadistas cheios de amor e boa-fé. Havia 20 estudantes da nossa roda que esqueciam os praxistas e viviam aos seus pés, transformando em champagne, ou em outra bebida, o dinheiro que os paes ganhavam no café. Falava-se della tudo e ia o seu schema de um sorvo de coca á lamina de um punhal. Contavam, entre outras mais, esta historia séria: apaixonado pela extranha flor-da-moda, um bello dia matou-se o pianista de um bar, deixando viuva e 5 filhos na miseria... Com tal reputação, com aquelle seu olhar e com um geito impeccavel de mulher fatal, de puro e typico vampiro de cinema, Lolita appareceu e entrou na minha vida.

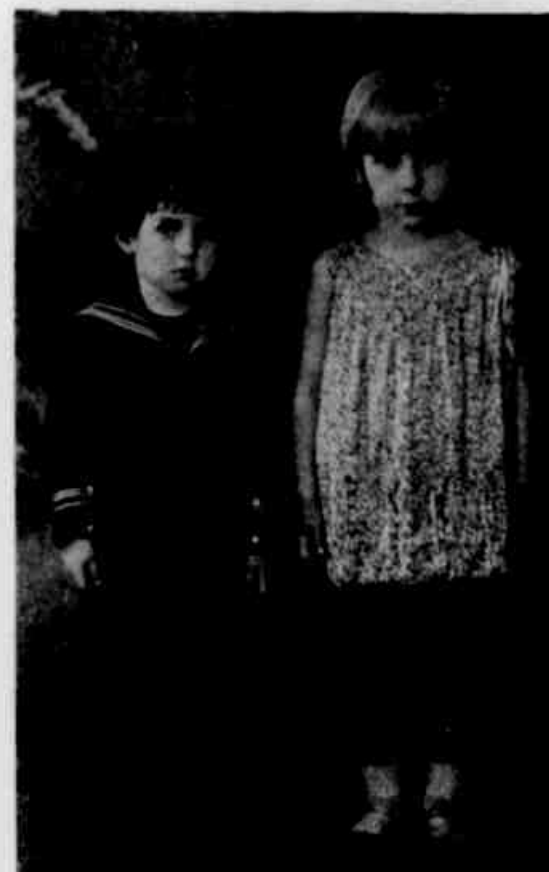
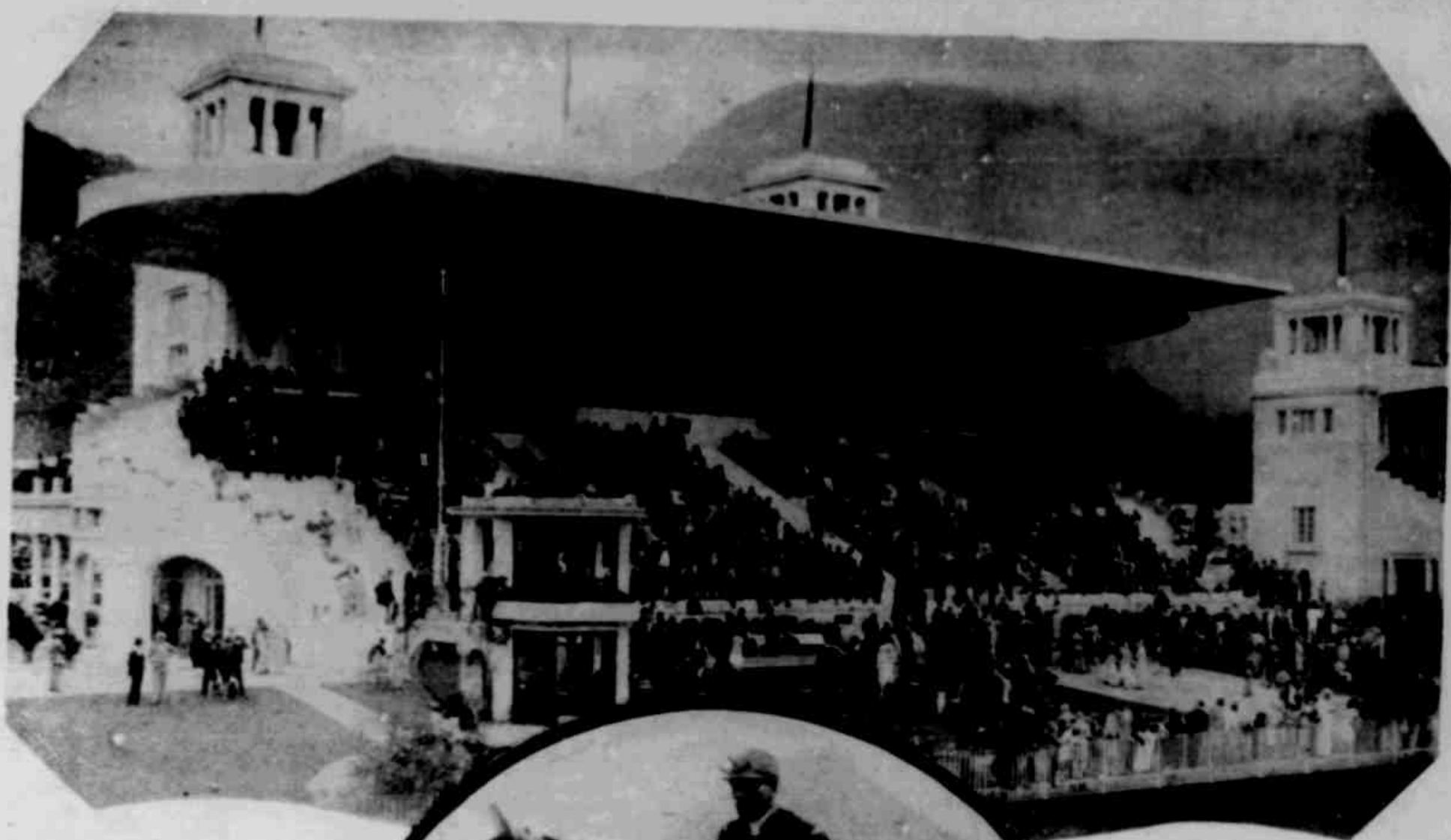
Lembro-me bem de tudo: uma noite qualquer, chegou-se á minha mesa e acceitou um licor. Disse-me logo que era uma cousa sem dono, que gostava da minha pose de "blazé" e deste vago olhar de poeta sonhador que me dá um eterno ar de hepatalgia e somno. Foi assim que começou a novella, que tive, tambem, um accesso de "primeiro amor", "tive, na mocidade, um riso de mulher"...

Amei-a ingenuamente... A historia se repete. E' ridicula sempre e nada original. Todo rapaz conhece esse caso da Lola, um romancezinho de engraxate, banal. Com esse vago "frisson" de tragedia em canção, que ha na monotonia de um tango argentino. Magnetismo de uns olhos longos de "manola", seducção do vicio, charme da "fleur-du-mal", romantismo besta, tolices de menino, excesso tropical, muita imaginação ou tendencia pronunciada a Armando Duval. E tudo isso indo dar, certo dia, afinal, neste logar-commum: a Lolita, "divette", que ninguem sabe mais que fim levou, si ella foi parar na Colonia do Engenho de Dentro, si morreu por ahi, tysica, num hospital.

E D M U N D O L Y S

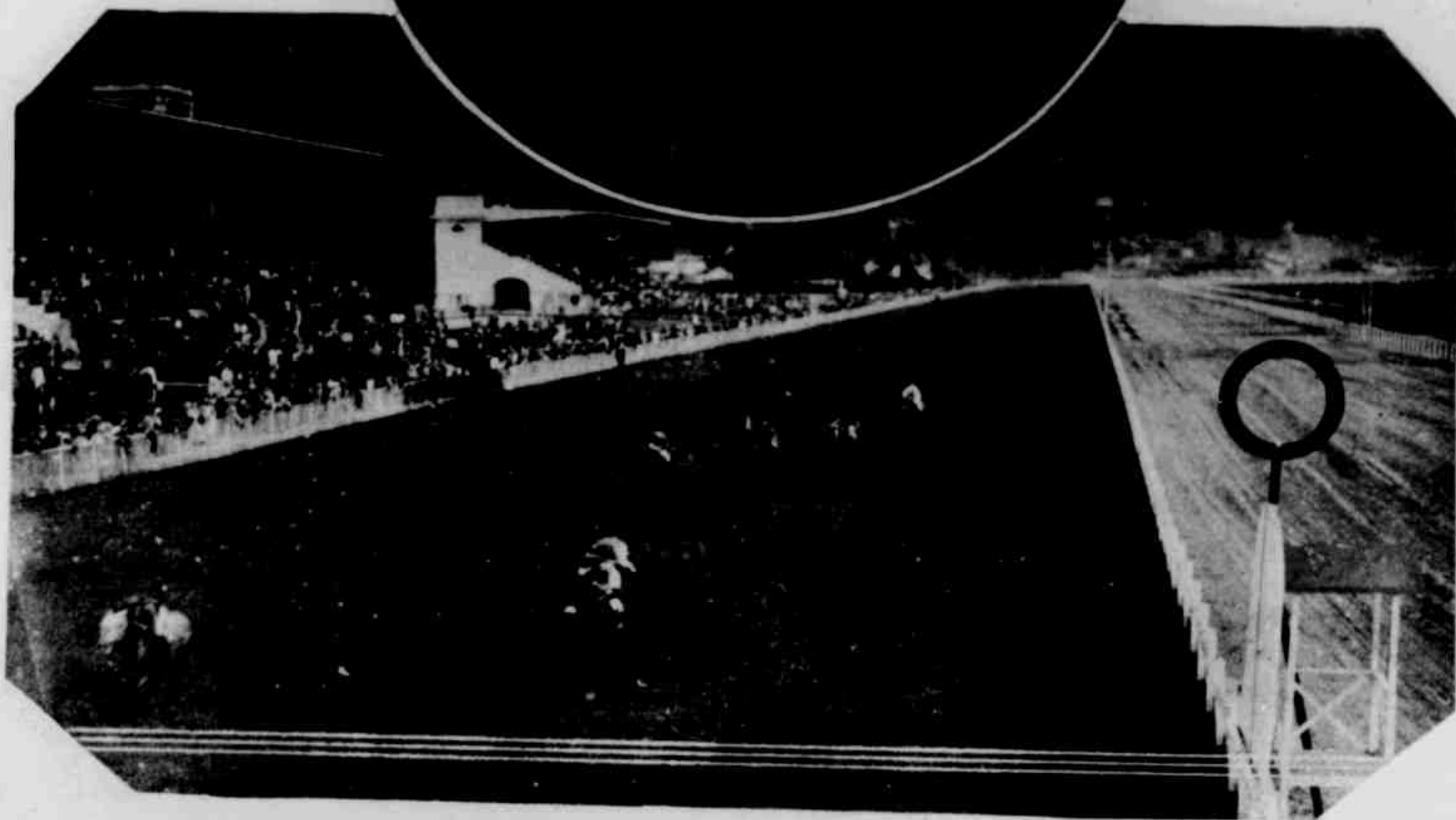
Um descuido de revisão fez sahir sem assignatura o poema "Velha Casa", que "Para todos..." publicou sabbado passado. "Velha Casa" é de Marilda Palina, collaboradora nova desta revista que lhe agradece e lhe péde desculpas. E fica esperando outras paginas como aquella.

●

Olinda e José, filhinhos do casal José Carvalho.

JOCKEY CLUB

Aspecto

Tinguá

Chegada

RIO INTERNACIONAL

KIEW? — NÃO, PRAÇA 11

DESENHO DE
DI CAVALCANTI

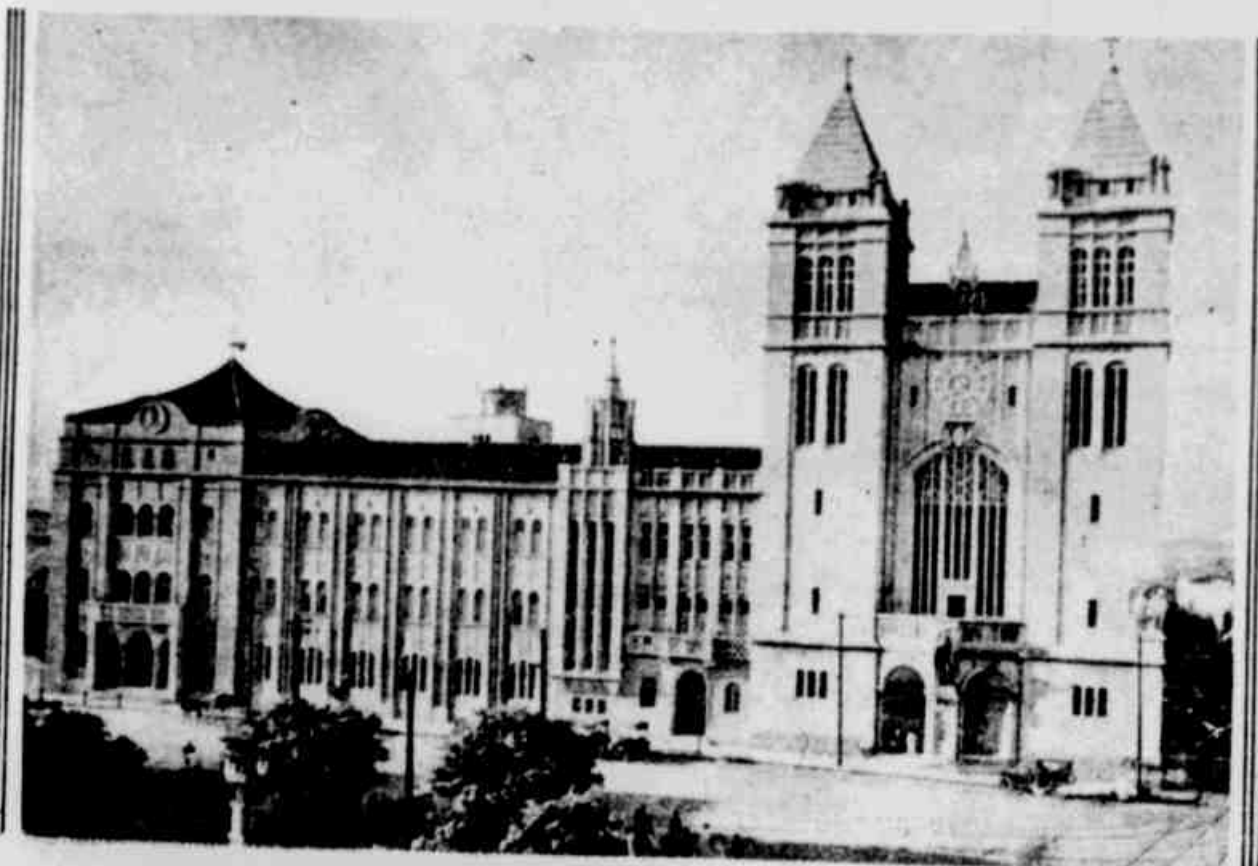
BONES STREET? NÃO, RUA
DA QUITANDA

CONSTANTINOPLA? NÃO,
RUA G. CAMARA.

RITZ APERITIVO?
NÃO, APERITIVO PALACE

SHANGAI? NÃO, PRAÇA
TIRADENTES

MUNICH? NÃO,
BAR DA AV. MEN DE SA'

NÃO E' NAPOLIS, E' O
BECCO DO FOGO

Basilica e Mosteiro de São Bento em São Paulo

São Paulo

Em cima: directoria da Liga das Senhoras Catholicas posando para a nossa revista.
Em baixo: enlace Dell'Oso Parolari; a noiva com suas demoiselles d'honneur.

THEATRO DE PARIS

Quando ha uma idéa no ar ella nos persegue por toda parte. Desapparece, depois de algum tempo, e pensa-se noutra coisa. O destino tem se apresentado, nestes ultimos mezes, no theatro, com uma determinada feição que tende a se tornar a philosophia da estação, pois os autores dramaticos descobriram que a nossa vida se passa a correr atraz de sombras.

Sem ir mais longe que o verão passado, era esse o assumpto da peça que o Sr. Léopold Marchand deu na "L'Avenue": "Nous ne sommes plus des Enfants". Um homem viveu sua mocidade numa completa banalidade burgueza. Casou-se; vae envelhecendo tranquillamente occupado com pequeninas coisas. E de repente, sente o vasio dessa existencia mesquinha. A' distancia, a sua mocidade lhe parece deslumbrante, cheia de paixões e de acontecimentos. Torna a encontrar, por acaso, uma mulher que amára ha vinte annos. Persuade-se facilmente que a amou com paixão, que ainda a ama e que pódem recomeçar juntos a sua vida, exactamente do ponto em que haviam ficado outr'ora. Experimentam e fracassam.

Nessa comedia a decepção é cantada em todos os tons. O passado é irrevogavel; o presente nada mais é sinão uma successão de minutos monotonos, que nos parecem luminosos sómente depois que passaram e que o correr dos annos vae tornando mais brilhante. Um poeta joven e exuberante póde-se transformar num burguez de provincia banal e vulgar em menos de vinte annos: quem sabe si no seu intimo já não o era? Não sabemos quem somos nem o que fomos. E' uma illusão a imagem que forjamos na imaginação daquillo que já fomos. Hontem é tão imponderavel quanto hoje. Julgamos, ás vezes, saber o que quizeramos ser: no momento em que o chegamos a ser, já o não queremos mais. Deste modo poder-se-ia extrahir da peça, phrase por phrase, a quintessencia da amargura. A não ser isso, a peça é muito alegre. Talvez só haja mesmo verdadeira tristeza nas peças alegres e scintillantes. Essa foi muito applaudida e teve uma brilhante carreira.

Seis mezes depois representou-se "L'Image", de M. Denis Amiel, no Theatro Femina. O enredo é quasi o mesmo e a significação completamente diversa. Trata-se tambem de amantes que se tornam a ver passado muito tempo, que tentam reanimar o amor antigo e que se deixam, cheios de tristeza. O theatro tem desses milagres, compor, com o mesmo thema, os dramas os mais diversos. Basta uma circumstancia nova para que a significação da obra seja outra. M. Denis Amiel imaginou que Francine Saint-Sauveur e Jean Harmelin quando eram jovens e se amavam, separaram-se por culpa de Jean, em plena paixão: o amor insaciado fermentou-lhes no coração, tornou-se um veneno, uma doença que lhes estragou toda a existencia. E' preciso que se libertem agora desse amor putrefacto sendo amantes novamente.

MADAME ALICE COCEA

Comtesse de La Rochefoucauld—1ª actriz da Companhia de Comedias Musicadas que estreará brevemente no Theatro Lyrico.

Não procuram realizar o seu sonho; buscam ao contrario matal-o.

Nesse meio tempo, a associação dos Jovens Autores fez representar no Odeon "Le Pont de l'Europe", de M. Sa acrou. Esta peça não póde incorrer na suspeita de ser uma imitação das duas outras, porque ha mais de um anno que aguardava a sua vez de ser representada. Ora, é, mais uma vez, a historia de um homem que a mocidade persegue. E pela terceira vez, o mesmo thema dá uma peça differente. O protagonista do "Pont de l'Europe", é um estudante, é um pobre diabo que nunca poderá gosar a vida, porque andará sempre atrazado de um quarto de hora. Só comprehende os seus sentimentos, só toma consciencia de um doce idyllio, uma vez que tudo passou. Ah! si podesse fazer voltar esse instante desperdiçado, como o saborearia! Si podesse reviver aquelle amor de que apenas se apercebeu, que poema não faria desta vez!

Um acaso providencial lhe dá justamente semelhante poder. Sae de Paris, sem um soldo, arrastando a perna e percorrendo as estradas ao acaso, chega a um paiz, onde o fazem rei, sob o nome de Jeronymo 1º. Póde então satisfazer o capricho real de resuscitar o passado, não o revivendo, mas o representando no theatro que fez construir no palacio. Faz vir artistas de Paris, e estas são justamente as mulheres que tiveram parte na sua vida. Mas o passado lhe foge á medida que o reconstitue. A cantora que elle adorou de longe quando era pobre e desconhecido, sendo a mesma mulher, é tão differente, porém, da que está diante delle e que se lhe offerece porque é rei!

Pedro Muñoz Seca, autor hespanhol

Gonzalo Cantó, autor hespanhol

Para que reviver o passado, si já não a ama ?

Nada tem esse infeliz, nem o presente que não consegue reter, nem o passado que não passa de uma miragem. O autor, emfim, decide-se a melhorar a sua sorte. A princezinha com quem Jeronymo se casára ao subir ao throno, é encantadora e ama-o. Elle reconhece finalmente esse amor; vae ser feliz... Ha uma revolução e matam a rainha.

Eis, portanto, tres peças representadas quasi ao mesmo tempo e que são, todas tres, a historia de sêres que suspiram pelo passedo e tentam revivel-o.

Os vivos em vez de viverem põem-se a perseguir sombras. Ao mesmo tempo o Sr. François de Curel em "Orage Mystique", mostra como podemos crear fantasmas. No amago da alma, onde a consciencia não attinge, um marido ciumento e apaixonado, medita uma vingança que é um verdadeiro assassinato, julgando, entretanto, ter perdoado. Conservando a porta fechada, obriga sua mulher que teve uma congestão pulmonar, a apanhar uma chuva torrencial. Fal-o sem saber. Entrando em casa, deixou por esquecimento a chave na fechadura, de modo que a porta não poude ser aberta de fóra. Nada mais simples.

A mulher morre. Assim como o crime foi inconsciente, o remorso tambem o é. Começa a tortura sem que della tenha consciencia a principio. E' uma apprehensão bizarra do bater das portas. E' uma hostilidade inexplicavel contra o medico que auxiliára a mulher a entrar em casa. A nossa vida moral passa-se em nós tão profundamente, que a não sabemos interpretar. Esse marido que matou sua mulher sem saber que a queria matar, que se tortura de remorsos sem saber que é criminoso, começa a amar a morta como no primeiro dia. E no fim do anno, durante uma tempestade igual á primeira, julga vel-a apparecer num cemiterio. Não vê sinão um fantasma creado pelo seu ciume, sua dôr, seu crime e seu amor.

Vivemos no meio dos fantasmas da nossa imaginação. E para augmentar a serie espantosa de coincidencias, os "Escholiers" fizeram, a 20 de Janeiro, o ensaio da "La Puissance des Mots", de M. Bruyez, que é uma peça justamente sobre esse assumpto, transportado, porém, para o dominio da arte. Um artista tem no seu espirito um sêr, uma figura, um

Restier Junior, director de scena do Trianon.

Elza Gomes em "O que disse a cartomante"

Hortensia Santos em "O que disse a cartomante"

Oduvaldo e Abigail em "Pygmalião"

personagem que julga ter creado. Qual! Essa figura que Raymond Daryel.es julga ter creado, é a recordação esquecida, mas viva, da mãe de um dos seus amigos. Ao contrario da peça precedente, o que tomavamos por um fantasma é uma realidade.

E' muito singular verem-se no espaço de seis mezes cinco grandes trabalhos dramaticos, escriptos por autores completamente diversos, e sem relação quanto aos sentimentos, situados todos cinco no limite entre o real e o imaginario, onde o homem vae de um para outro lado sem cessar, confunde-os um com o outro, acabando por mistural-os na mais desencantada miragem! E esta miragem, este scintillar do real sobre o irreal, não será a poesia propria ao nosso tempo?

HENRY BIDOU.

Pois o Rocio voltou aos bons tempos. Sainetes no São José com Olga Navarro, Lia Binatti, Manoelino Teixeira. O Carlos Gomes com Margarida Max, Gui Martinelli, Elsa Gomes, Edith Falcão, Pinto Filho, João Martins um casal estupendo de bailarinos: Lou e Janot, e uma revista de Luiz Peixoto e Marques Porto: "Guerra ao Mosquito". Lá no fundo da rua Espirito Santo, o Recreio com Aracy Côrtes, Ivette Rosolen, Olympio Bastos, Palitos, e uma revista de Olegario Marianno com "sketches" de Humberto de Campos: "Vamos deixar de intimidade". Tudo com enchente. Quem foi que disse que o publico não ia mais aos theatros?

No Lyrico, onde Berta Singerman faz das vesperaes grandes acontecimentos de intelligencia e de elegancia, a Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro continúa a sua bella temporada de theatro de verdade. Os exitos notaveis de "Romance", "Topaze", "Demonio" bastaram para marcar em relevo a vinda do casal illustre ao Rio com um grupo optimo de artistas. Mas além dessas tres peças, todas as apresentadas até agora receberam applausos contentes das casas cheias, sem esquecer a resurreição d'"A Castro".

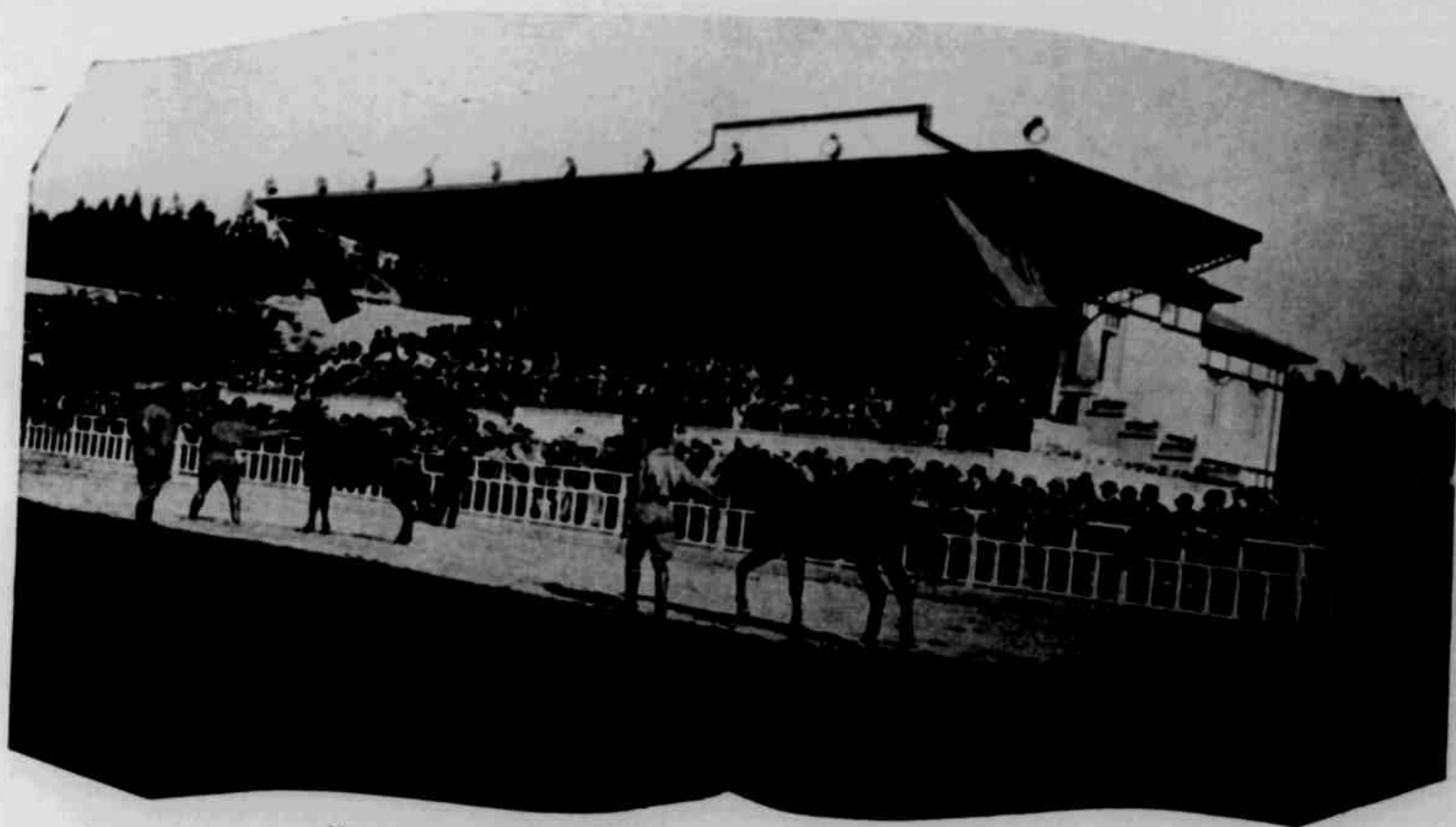
CARMEN MENDOZA

artista bem amada do Rio. Foi aii a Buenos Aires mas volta já.

O Presidente Julio Prestes, tendo á direita os Srs. Lyra Castro, Mario Maldonado, e á esquerda o Sr. Fernando Costa, secretario da Agricultura de São Paulo, percorre o recinto permanente da Exposição, depois de inaugurada.

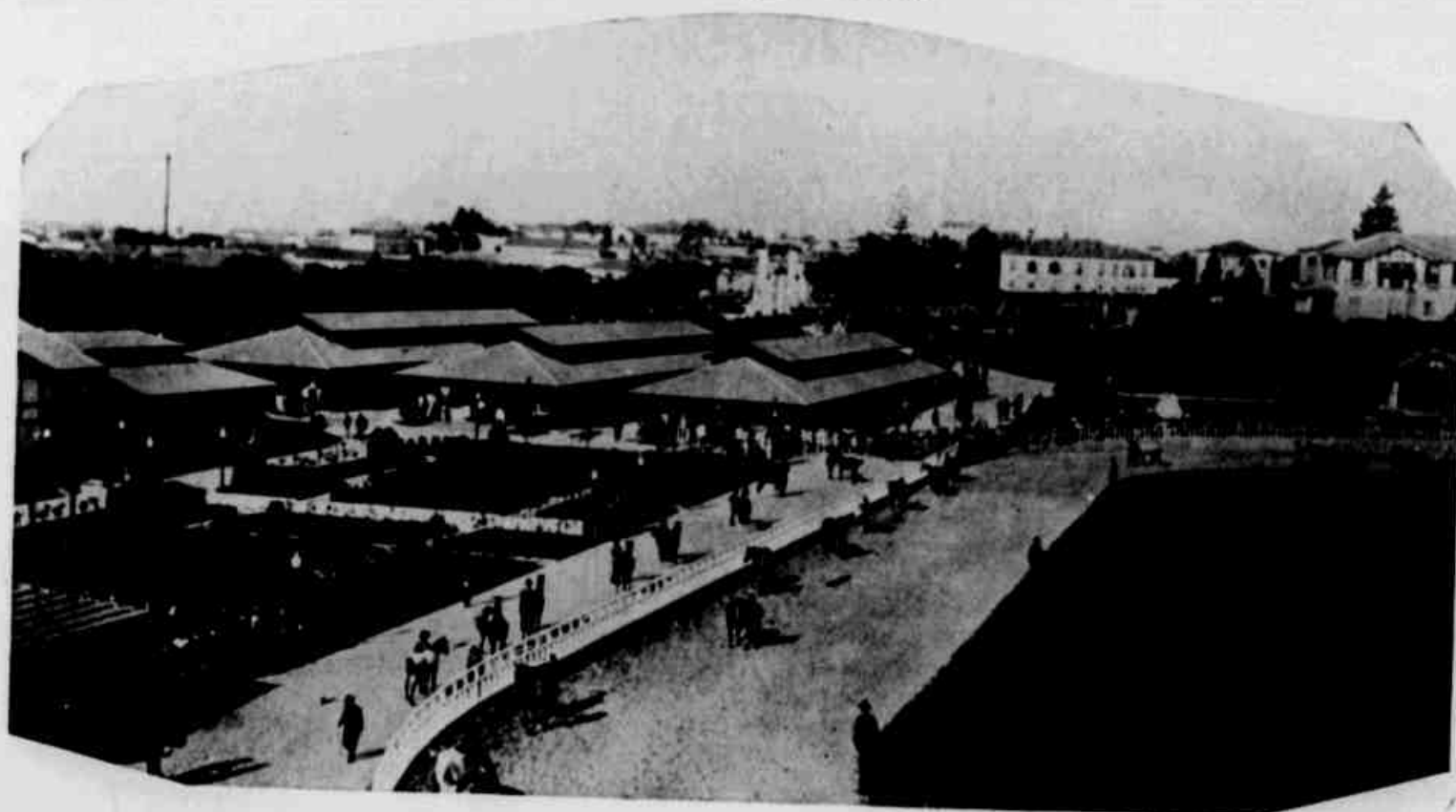
A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO GERAL DE ANIMAES DO ESTADO DE SÃO PAULO E SEU RESPECTIVO RECINTO PERMANENTE, OBRA ADMIRAVEL DO GOVERNO PAULISTA

Um aspecto das archibancadas no dia da inauguração

O Presidente Julio Prestes e sua comitiva apreciando um dos tanques para criação de peixes

Um aspecto das archibancadas da Exposição logo depois de inaugurada

A parada do gado Caracú e do Hollandez

Em baixo: gado cavallar

O Desfile Dos Animaes Na Pista Da Exposição

Um estabulo de gado hollandez da Exposição de Animaes de São Paulo

Em baixo: gado caracú

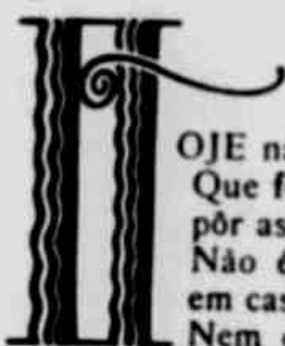
Os Novos Contadores

No salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, quando se realizou a cerimonia da collação de grão dos novos contadores formados pela Academia de Commercio: a mesa, os diplomados, um aspecto da assistencia.

Sociedade Mexicana

Filhas do Senador pelo Estado de Nuevo León Dr. Atanasio Carrillo

Senhorita Carmela

De Elegancia

HOJE não saio.

Que felicidade poder a gente dispôr assim do seu dia!

Não é a chuva que me prende em casa.

Nem o frio lá de fóra me vem aqui atormentar.

Para combatel-o é que tenho agasalhos.

O meu dia é para a **Gurya**, de Benjamim Costallat, o ultimo romance do grande escriptor.

Já tenho, aqui a meu lado, a espatula com que lhe vou abrir as folhas.

Vae ser uma delicia essa leitura.

Um livro de Benjamim Costallat é sempre um b e l l o successo literario e um optimo successo de livraria, coisas que, raramente, andam juntas.

Os meus parabens ao fulgurante escriptor.

E m q u a n to alinhavo a minha chronica, espera-me, **G u r y a**, um pouquinho.

Mas agora é que é o difficil.

Que poderei dizer, que imaginação ter, se todo o meu cerebro está cheio de curiosidade, da vontade de conhecer o novo livro?

Vamos lá...

Um esforço...

Nada...

Assim não é possivel.

E se fosse eu até a janella vêr a chuva...

Muito bem.

Que é que vi afinal?

Uma chuva, dessas que promettem durar muito e quasi sempre cumprem a promessa.

Não alaga as ruas, enlameia-as; não lhes interrompe o trafego, enfeia-o.

Apesar disso, é tão agradavel uma chuva assim a quem discorre della debaixo de bom tecto, e a examina através de vidraças bem encaixilhadas e bem ajustadas.

Como é bom a gente vêr a chuva, e não sentir a roupa molhada a enregelar-lhe o corpo.

Ha, entretanto, quem não goste da chuva.

Nem destas que são assim como uma poeira d'agua, nem das que dão em fortes pancadas e acabam logo.

Aquelle maltrapilho que passou, encharcado, a gotejar-lhe o esburacado chapéo, deve detestal-a.

Elle, ao menos, talvez tenha por morada uma dessas miserias de lata, que tanta gente vê, indifferente, de dentro d a s suas custosas **limousines**, quando passeia á beira-mar, na A v e n i da Atlantica.

Outros ha, p o r é m, que nem isso, nem esse desgraçado abrigo por cujas frinchas a agua entra, inclemente, t r a z i d a pelo vento.

Ah! esses devem odiar á chuva!

Mas n e m todos podem gostar das mesmas coisas.

Se tanta gente gosta de uma chuvinha convidativa á preguiça, é precisamente porque a outros ella maltrata.

E' exactamente porque outros foram obrigados a sahir para o trabalho, que os que puderam f i c a r em casa apreciam e s t a felicidade.

Não ha alto sem baixo, não ha luz sem trevas.

Só conhecemos as coisas como opposição aos s e u s contrarios.

Portanto, ou isso é disparate, ou para se avaliar a felicidade é preciso ter medi-

dido a desgraça. Se a vida é assim, que culpa tenho disso?

Não fui eu quem organizou a vida.

Se o fosse, decerto que a faria differente, mas talvez saisse coisa ainda peor.

Ora, esta! Para que me havia de dar?

E' a chuva miudinha.

Não chega até aqui em borrifos, mas entra em humidade.

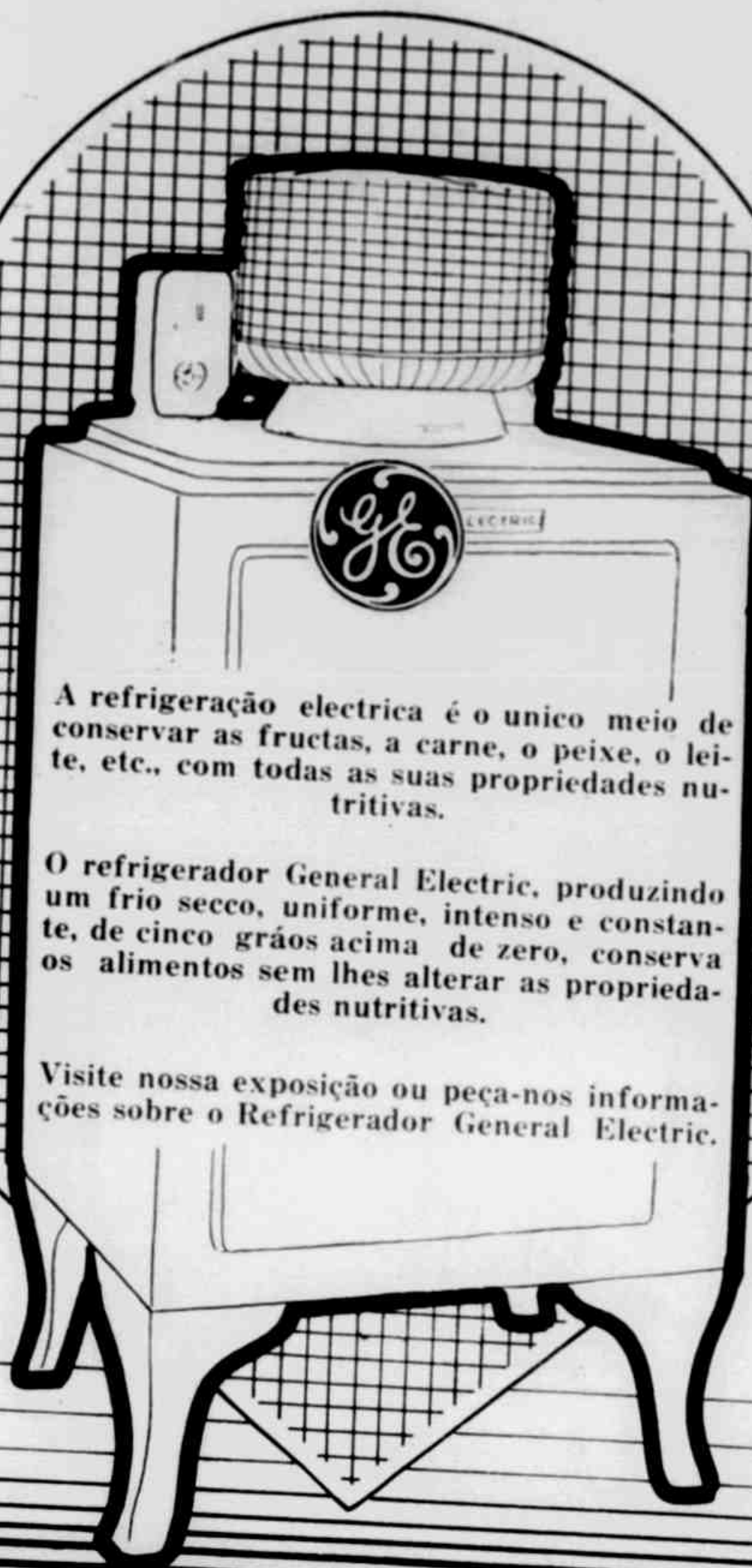
O resultado é o que se está vendo.

Melhor, então, é não continuar...

Vou lêr **Gurya.**

Na proxima vez as leitoras terão, aqui, algumas opiniões sobre o perfeito acabamento e colorido dos tecidos, campanha emprehendida nesta pagina, tambem, por insinuação de algumas leitoras.

A frequencia elegante da semana: nos salões do cabelleireiro A. Fadigas, e o c h á das cinco, no "Paschoal".

SORCIÈRE.

A refrigeração electrica é o unico meio de conservar as fructas, a carne, o peixe, o leite, etc., com todas as suas propriedades nutritivas.
O refrigerador General Electric, produzindo um frio secco, uniforme, intenso e constante, de cinco gráos acima de zero, conserva os alimentos sem lhes alterar as propriedades nutritivas.
Visite nossa exposição ou peça-nos informações sobre o Refrigerador General Electric.
GENERAL ELECTRIC
Avenida Rio Branco, 60/4 — RIO DE JANEIRO

Companhia de Seguros Sul America

A Companhia de Seguros Sul America, acaba de dotar com um grande melhoramento a vasta zona suburbana, inaugurando na Estação do Meyer, que é a capital dos suburbios, uma Succursal com pessoal habilitado e escolhido, para, sob a direcção do Dr. Renato de Alencar, operar em seguros naquella prospera e populosa zona. Pelas photographias acima, verifica-se o cunho altamente distincto dado ao acto inaugural da nova Agencia, situada á rua Dias da Cruz, esquina da rua Joaquim Meyer, bem em frente á estação. Presentes á inauguração os Directores da importante Companhia, foi offerecido aos convidados uma taça de **Champagne**, fazendo-se ouvir diversos oradores, destacando-se dentre elles o Sr. A. M. Márquez, Superintendente Geral das Agencias, cujo brilhante discurso causou a melhor impressão á selecta assistencia.

Predio á rua Dias da Cruz n. 145, onde se acha installada a nova Agencia da Sul America.

O Dr. Gastão de Roure, Secretario da Companhia, inaugurando a Agencia, vendo-se assignalado o Dr. Renato de Alencar, Inspector encarregado da nova Agencia.

O Sr. A. M. Márquez, Superintendente Geral das Agencias, assignando a acta de installação.

Grupo de convidados á porta da Agencia

Cartas de Londres

BERNARD SHAW E O "EXERCITO DA SALVAÇÃO"

A "reprise" de "Major Barbara", a peça do Sr. Bernard Shaw representada pela primeira vez em 1906, constituia um acontecimento de actualidade, pois o seu enredo gira em torno do Exercito da Salvação. O momento era bem escolhido dada a crise recente por que passou o exercito do general Booth. A espectativa geral era tanto mais forte que uma grippe do Sr. Bernard Shaw veiu, á ultima hora, compromettter os ultimos ensaios.

Doença rapida, é verdade, pois o illustre escriptor está quasi completamente restabelecido. Não está, porém, nada satisfeito com os jornalistas e não faz cerimonias para manifestar-lhes sua contrariedade. Em resposta aos boatos propalados pela imprensa, e para se ver livre dos chamados telephonicos e ao cerco estabelecido por todos os reporters de Londres diante de sua casa, o autor de "Santa Joanna" publicou o seu proprio boletim. Categorico e original, começa nestes termos:

"Os relatorios especiaes dos correspondentes especiaes não passam de ficções inoptas. Não que eu queira offender os sentimentos dos mentirosos e atrevidos que fizeram, mas quizera ao menos que desistissem de suas tentativas assassinas telephonando-me durante a noite, por um frio glacial, para me darem a noticia da minha propria doença e para me perguntarem se tenho alguma coisa a dizer a respeito".

O Sr. Bernard Shaw depois de dizer que havia tido uma simples influenza, accrescenta que se pudesse, teria recebido todos os correspondentes especiaes de maneira a pôr-lhes agua na fervura. Elle mesmo é o seu enfermeiro e trata-se com competencia. Conclue ennumerando todas as invenções mentirosas espalhadas por "gente sem assumpto, com o unico fim de extorquir dinheiro a directores de jornaes, occupados demais, para reparar no que lhes trazem".

Depois deste boletim tão pouco amavel para os pobres jornalistas, o doente poude sahir e dirigir os ultimos ensaios da sua peça.

Eramos um grupo, victimas resignadas e promptas para o sacrificio que esperavamos sabbado de manhã diante do "Wyndham Theatre". Ali vimos entrar o irascivel dramaturgo, bem agasalhado, andando com vivacidade. Ironico, sorridente, olhar penetrante, logo percebeu que ali estavamos.

Mas ao menos não haviamos commettido a indelicadeza de o ir atormentar no seu leito de dôr, haviamos sido discretos "não é verdade, Sr. Shaw? Como se sente agora?"

— "Perfeitamente".

Ousamos uma pergunta.

— "Tem... hum! Tem alguma coisa a dizer... a respeito de "Major Barbara"?

— "Nada. Os personagens lhe dirão que a crise de trabalho em que se debatia o Exercito da Salvação no tempo em que escrevi esta peça, é mais séria do que nunca. Ella se esforçou por salvar a alma do homem a quem dava o pão. Hoje ninguem se importa com o que possa acontecer. Fornecem-se soccorros que elevam os impostos de uma maneira inaudita e, ao mesmo tempo, o governo recusa-se a tomar providencias que dêm solucção ao problema da falta de trabalho. E' sempre a mesma incoherencia...

"Ha um grande exercito de homens jovens composto na sua maioria de soldados desmobilizados e ninguem se lembra de organizal-os industrialmente. Já se tem feito ver innumeras vezes ao governo a necessidade de semelhante organização, mas em vão. Supponho que não tem tempo para ler os jornaes".

"E o que pensa. Sr Shaw, da crise recente que o Exercito da Salvação vem de atravessar ?"

— "No meu prefacio original de "Major Barbara". fiz uma predicção a esse respeito. A' medida que o Exercito augmentava, a autocracia devia passar a outras mãos e é o que está acontecendo".

Eis aqui um trecho do prefacio escripto pelo Sr Bernard Shaw em 1906:

— "O Exercito da Salvação tem quasi tantos defeitos quanto a Igreja Anglicana.

Está desenvolvendo uma organização commercial que o obrigará a substituir eventualmente o seu estado-maior de commandantes enthusiastas por uma burocracia de homens de negocio que não serão melhores que os bispos e que serão, talvez, ainda menos escrupulosos. E' o que acontece, mais tarde ou mais cedo, ás ordens fundadas pelos Santos e a ordem fundada por Santo William Booth não está isenta do mesmo perigo".

A PEÇA

Voltemos á peça. O autor dirigiu os ensaios da sua peça até a vespera da "reprise". E' um excellente ensaiador "porque, como diz Mme. Sybil Thorudike que faz o papel de Major Barbara, é um excellente actor !

"Elle vae e vem em scena, e não só diz ao artista como deve representar o seu papel, mas encarna elle proprio o personagem e representa. Pensa e exteriorisa cada caracteristico. Além de tudo, elle insiste em que dêm a cada palavra todo o seu valor, de modo a que possa ser ouvida em toda a sala".

O certo é que nessa peça, representada ha vinte annos, começa a transparecer um sentimento religioso que nem sempre foi bem comprehendido nas obras mais modernas de Bernard Shaw. O ultimo acto de "Major Barbara" faz presentir esta conclusão transcendental que é a ultima parte de "En remontant a Mathusalem".

Foram poucas as modificações feitas na peça para esta "reprise". Num prefacio escripto no programma, o autor demonstra que os problemas essenciaes quasi nada se modificaram. Nota-se que a peça tem já vinte annos, por causa de algumas allusões historicas que foram conservadas.

Houve algumas difficuldades no tocante aos vestuarios. A moda em 1906, tão recente ainda, e no entanto, tão differente, teria, certamente, parecido ridicula. A moda de hoje evoca uma éra nova, a de "post" guerra. Foi adoptado, então, um meio termo, crearam-se vestuarios genero moderno, que dão, pelo seu estylo, a nota justa. O uniforme do Exercito da Salvação continua a ser mais ou menos a mesma coisa: o problema só era complicado para o elemento "civil" da peça Mme. Sybil Thorudike que fez pela primeira vez o papel de Barbara, interpreta-o com a sinceridade, a espontaneidade e a intelligencia que a distinguem. E' muito bem auxiliada por seu marido, o Sr. Lewis Casson, grande animador e "productor".

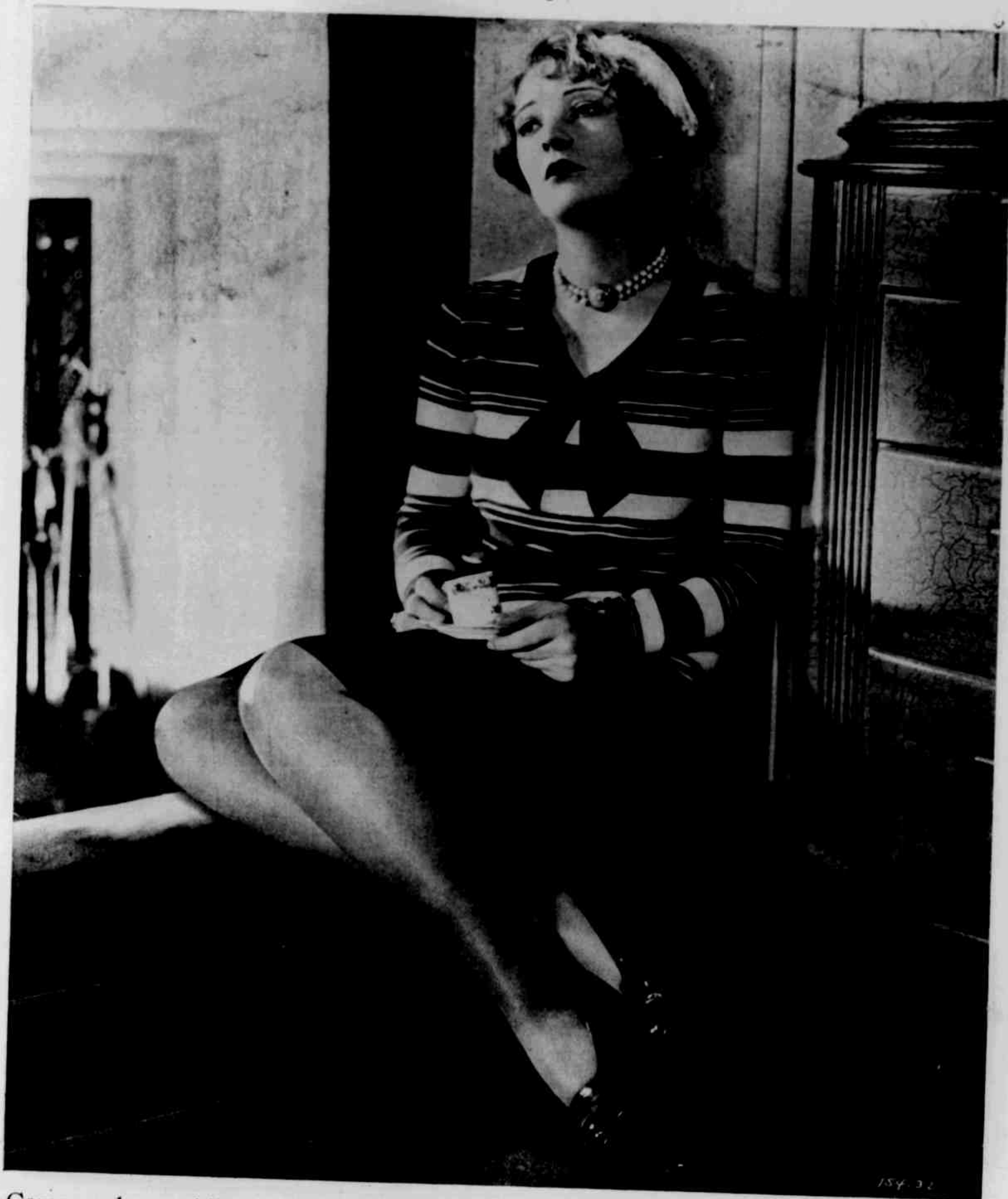
L. BORGES.

Acabamos de receber a edição do Almanach Laemmert de 1929 que gentilmente nos é offerecida annualmente pela importante Empreza que o edita.

Bem podemos comprehender as mil difficuldades vencidas pelos editores para completarem e desenvolverem por todo o Brasil um programma traçado pelo seu fundador, Laemmert, no anno de 1844, mas só realmente attingido pela administração actual, com escriptorio á Avenida Almirante Barroso, 1, 2º andar, sala 1 e officinas proprias á Rua Carlos de Carvalho, 48.

O desenvolvimento do Almanach, aconselha a todo o commercio a attender aos pedidos de informações gratuitamente publicadas para a orientação do publico em geral e a possuir essa preciosa collecção de 5 grossos volumes que constituem hoje o mais completo repositorio administrativo, commercial, industrial e agricola do nosso Paiz.

Uma viagem a Galveston.......

depois Paris...... um Cadillac.....
um Bungalow...... Joias lindas.....
tudo isso podereis conseguir com 18$000 apenas.......

Comprando um bilhete de São João da LOTERIA FEDERAL em 28 do corrente
400 contos em 3 sorteios

Revistas de todo mundo

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.
VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.
MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.
L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista no genero.
REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.
LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.
LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.
CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.
LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.
HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pictoresca e autorisada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.
GUTIÉRREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal
EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.
MACACO — Jornal das creanças, contos infantis e pintura.
NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.
MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.
LAPANTALA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.
ESTAMPA — Revista graphica e literaria, da actualidade hespanhola.
MODAS Y FASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.
CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.
PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos
EL HOGAR — A revista por excellencia das familias contos, modas e actualidades.
PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

"CASA LAURIA"
RUA GONÇALVES DIAS, 78

PODE-SE CORAR O ROSTO SEM ROUGE?

(Da Revista "Woman Beautiful")

Indubitavelmente, um pouco de côr nas faces senta bem a quasi todas as mulheres. Mas a côr natural é rara e facilmente desapparece por qualquer indisposição ou a menor fadiga. O rouge damnifica a cutis e além disso sempre se faz notar. Se as suas faces não são rosadas naturalmente, próve o effeito que lhes produz o carminol em pó: põe em um rosto pallido um delicado tóque de côr que não se póde distinguir do natural. E' absolutamente inoffensivo para a cutis. Quasi todas as pharmacias e perfumarias pódem vender-lhe um pouco de carminol em pó.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

NINA ROSA (Aracajú) — Letra redonda: bondade, doçura, condescendencia, indulgencia; letra grande: altas aspirações imaginação viva, generosidade, talvez um pouco de orgulho; letra vertical: energia, reserva, frieza, razão convicente.

Nota-se ainda força de vontade, cultura intellectual, gosto artistico. Uma certa indecisão antes de resolver qualquer assumpto importante.

O horoscopo das pessoas nascidas a 18 de Novembro é o seguinte:

Influenciados por Jupiter planeta sob cuja acção nasceram, são francas, energicas, amigas do progresso, e se tornam impetuosas, brigonas, por influencia de Marte que é guerreiro. Entregam-se com grande enthusiasmo ás emprezas em que se mettem, pelo forte desejo de progredir.

São previdentes, advinhando, quasi, o que lhes ha de acontecer. Gostam de gosar bem a vida. São excellentes esposas, asseiadas e ordeiras em demasia.

ELMY (Minas) — A mudança de letra a que se refere denota inconstancia, volubilidade, indecisão. Vejo ainda bondade, generosidade, aspirações elevadas, phantasia, amor ao luxo, ás viagens. O corte dos tt revela reserva, teimosia, um certo "pouco caso" do que possam dizer a seu respeito os criticos e censores.

Ha diversos tratados de graphologia, vinham porém em portuguez; pode consultar Crepieux-J Jamin, E. de Rougemont, J. H. Michou, Camillo Baldi, etc.

O **Almanack d'O Malho** deste anno publicou um artigo illustrado sobre graphologia e que talvez lhe interesse.

JOVISA (Petropolis) — Sua letra angulosa denota uma certa aggressividade, muito energica, firmeza, força de vontade.

Vê-se ainda teimosia no corte dos tt, reserva, circumspecção no traçado dos óó.

Uma certa displiscencia, ou pouco caso pelos que a cercam, olhando-os com superioridade. Orgulho!... Talvez.

Tem resoluções promptas e inabalaveis a inicial do seu nome de familia é feito de modo a indicar personalidade bem marcada e o desvello envolvente com que zela pelas tradições desse mesmo nome.

Elegancia natural, vaidade sem affectação. Attitudes sobrias.

ATHLETA (Rio) — Sua caligraphia de traços leves, muito inclinado para a direita está em contraste com seu pseudonymo.

Revela sensibilidade, fraqueza, delicadeza extrema, sentimentalidade, susceptibilidade, tendencia até para se enternecer por qualquer cousa que o commova mais um pouco.

Vejo ainda muita economia, quasi avareza, reserva, timidez, o que em um "athleta" não se pode admittir...

TIMIDO (Rio) — Ao contrario do seu "visinho" **Athleta** o senhor não parece tão timido como confessa. Noto uma certa indecisão, é verdade; receio de melindrar os demais.

Vejo, entretanto, alguns assomos de energia na fórma de graphar o s no final das palavras e o c cedilhado feito de uma só vez.

A insconstancia, a volubilidade do seu caracter se revela tambem nas diversas maneiras de cortar os tt; ora muito acima da haste, ora com o mesmo traço quando elle está em syllaba final. A sinuosidade das linhas indicam pouco amor á verdade, espirito maleavel, accommodaticio...

E' o seguinte o horoscopo dos nascidos em Janeiro, são amigos do progresso, nobres, sonhadores e de sentimentos delicados, isso pela influencia de Saturno, que, como sabe era o symbolo do Tempo entre os gregos.

Urano, porém, os faz serem timidos como o senhor diz que é, reservados, tristes amigos do silencio e da solidão.

Estão sujeitos a naufragios e não devem demandar no fôro porque Themis, deusa da Justiça, não os protege.

Depois de saber isto, si tentar alguma acção judiciaria é por ser teimoso...

SEXTANNISTA (Ribeirão Preto) — Sua graphia desigual denota emotividade, agitação actividade, sensibilidade, mobilidade constante.

Tem coração bondoso, é indulgente, generoso, porém impaciente, cheio de nervosismo, apressado, não podendo esperar cinco minutos, socegadamente, seja pelo que fôr. Apesar de "sextannista" tem ainda pouca cultura literaria, embora seja intelligente; mas é insconstante no estudo, fazendo tudo superficialmente, com a preccupação de acabar logo...

BELLINHA (Rio) — Temperamento exuberante, franco, generoso, chegando á prodigalidade.

Vontade firme, decidida, energica, não tornando atraz, como "palavra de rei" das historias infantis. Espirito independente, audacioso, caprichoso ás vezes, como, aliás, a maioria das graciosas filhas de Eva. Vaidosa com distincção e elegancia de maneiras. A maneira original de graphar a inicial do seu nome proprio denota uma certa aggressividade para com os extranhos, sabendo conserval-os á distancia. No corte dos tt e da mesma inicial vê-se qualquer cousa de fanfarronice, de quixotesco... Muita phantasia e logo, pouco amor á verdade... verdadeira.

ELLY (Bahia) — Escripta vertical e arredondada: energia, reserva, frieza alliada á bondade, á doçura e á indulgencia para com os que erram de boa fé.

A maneira de "fechar" algumas vezes a letra o indica que algumas vezes tambem apesar da sua natural reserva, sente necessidade de se expandir, de ""desabafar" o que a opprime.

Tem senso artistico, amor ao confortavel, ás longas viagens.

E' um tanto teimosa e autoritaria, não gostando de ser contrariada e querendo dizer sempre "a ultima palavra" em qualquer discussão. Como pediu a "maxima franqueza" digo ainda que tem pouca cultura literaria. Procure estudar pois tem bastante força de vontade para aprimorar seu bello espirito.

DAOLENKSON (Pelotas) — Sua letra denota equilibrio, moderação, reflexão, prudencia, ordem clareza. Vejo tambem um pouco de sensualismo nos traços cheios de algumas letras.

Senso esthetico desenvolvido. Economia, espirito de organisação.

Firmeza e energia serena no traço com que sublinha seu nome de familia.

GRAPHOLOGO.

Clinica Medica de "Para todos..."

OSTEITE

E' a inflammação do tecido osseo, produzida por factores externos — contusões, ferimentos, substancias corrosivas, queimaduras, etc. — ou filiada a causas morbidas internas — escrofulose, syphilis, arthritismo, etc.

A osteite, principalmente a que se manifesta na superficie, determina o augmento de volume do osso inflammado, havendo sensação de peso anormal e dôr obtusa, aggravada com o movimento.

A resolução é o termino de uma osteite benigna. Os casos mais graves, porém, terminam pelo endurecimento, pela suppuração e até pela necróse, — perigo muito frequente nas osteites de origem syphilitica.

O tratamento é de simples espectativa, quando a lesão ossea não apresenta muita gravidade. Modera-se a actividade inflammatoria, immobilisando a região inflammada, exercendo leve compressão e fazendo curativos emollientes e antisepticos.

Assim conduzido o tratamento, assiste-se á evolução de uma osteite plastica, isenta de complicações, quasi sempre terminando pela integral reparação do osso inflammado.

Se, porém, a inflammação fôr muito intensa e a enfermidade apresentar o caracter de uma osteo-myelite diffusa, devem ser abertos os fócos purulentos, para extravasar o pús accumulado.

Em casos excepcionaes, quando o processo morbido ataca vigorosamente todas as partes de um osso, como nas osteo-myelites graves dos adolescentes, é necessario trepanar o osso inflammado, para conseguir a sahida do pús.

Se taes meios não lograrem resultados satisfatorios, deve-se appellar para os recursos extremos — amputação ou desarticulação — no intuito de evitar infecções generalisadas.

Intervenções desse feitio, extinguindo subitamente os fócos de infecção, têm sempre obtido victorias surprehendentes, até mesmo já havendo septicemias em começo.

Qualquer que seja a especie da operação realisada, constitue uma boa precaução, não fechar immediatamente a ferida cirurgica e deixal-a, durante um certo espaço de tempo, sob a acção ininterrupta de pulverisações dagua.

CONSULTORIO

F. R. S. (Petropolis) — Use: bromureto de stroncio 2 grammas, bromureto de ammonio 2 grammas, tintura etherea de valeriana 4 gramas, extracto fluido de mulungú 8 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 20 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 200 grammas — uma colher pela manhã e outra á noite. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com o "Hemo-Cyto Corbière".

O. B. (Pindamonhangaba) — Claramente se deprehende de sua carta que a séde da enfermidade não é o apparelho auditivo. A "surdez verbal" é consequencia da perturbação que o morbus produziu, num importante centro nervoso. Penso que é necessario insistir no tratamento especifico, experimentando, em injecções intra-musculares, o "Bromureto de hydrargyrio Dausse", empregado com exito nas manifestações nervosas de origem luetica.

L. O. B. O. (Ribeirão Preto) — A creança deve usar "Xarope de Gomenol Prevet" — uma colher (das de chá) de 4 em 4 horas. Usará tambem: phenosalyl 5 grammas, glycerina neutra 10 grammas — uma colher (das de sobremesa) num pequeno copo dagua morna, em frequentes gargarejos.

G. P. O. (São Paulo) — Se anteriormente houve uma fractura, é plausivel admittir a existencia de uma pseudo-arthróse. Caso ella seja verificada, é necessario fazer a resecção e a sutura ossea. Na impossibilidade de praticar a operação, recorre-se a um apparelho orthopedico.

M. B. V. (Rio) — Póde usar ás refeições a "Kola Granulada Astier". Só um exame directo dá uma idéa exacta sobre o funccionamento do coração.

EULINA (Barbacena) — Depois de cada refeição principal, tome um comprimido de ovarina. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares com a "Seroferrine".

D. E. L. I. A. (Pirapóra) — O processo therapeutico alludido em sua carta registra alguns casos de exito irrefragavel. Não é, entretanto, um methodo infallivel, porque, em medicina, o absoluto não existe...

DR. DURVAL DE BRITO

Toda hora de doença é um tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras" em sua volta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

a hora certa do soffrimento.

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e pódem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. E' pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

"A SAUDE DA MULHER"

— sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flôres Brancas — assegura o prazer da vida, que só pode ser perfeito quando existe perfeita saude.

Officinas Graphicas d'"O MALHO"